

GABRIEL MÁXIMO ALVES SOUZA

**“ELES NÃO VÃO NOS CALAR”: UM PODCAST NARRATIVO SOBRE
MULHERES JORNALISTAS E O TRABALHO DA IMPRENSA NO GOVERNO
BOLSONARO**

VIÇOSA-MG

Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFV

2022

GABRIEL MÁXIMO ALVES SOUZA

“ELES NÃO VÃO NOS CALAR”: UM PODCAST NARRATIVO SOBRE
MULHERES JORNALISTAS E O TRABALHO DA IMPRENSA NO GOVERNO
BOLSONARO

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra

VIÇOSA-MG

Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFV

2022

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao que me rege. Não nomeio, porque acredito em muitas coisas e posso sentir proteção rezando para o Deus católico ou à Nossa Senhora; cantando “Ogum”, na versão de Zeca Pagodinho e Maria Bethânia; ouvindo Gilberto Gil e Rita Lee; ou tomando banho nas águas do Rio São Francisco. Assim, sou grato a tudo isso por me fortalecer para que eu chegasse até aqui.

Com todo meu coração, agradeço à minha família. A união da leveza calculada do meu pai, Alcides, com a doçura firme da minha mãe, Cláudia, me tornou a pessoa que sou hoje. Este casamento ainda gerou minha amada irmã, (Maria) Alice, sempre portadora de boas notícias e sorriso largo. Também sou grato por ser neto de Ana, Antônia, Alberto e Joaquim, minhas forças da natureza e inspirações de vida, que trouxeram ao mundo tios que amo: Denice, Denize, Carlim (maternos), e Alcinei e Aldeci (paternos). O amor que vocês me dedicaram tornou minha caminhada mais fácil.

Para administrar todo esse turbilhão de sentimentos, é preciso estar terapeuticamente saudável. E por isso, agradeço a grande contribuição de Melina Pena em minha vida. É a partir do trabalho dela que consigo conduzir minha trajetória cada vez mais pelo caminho da felicidade. Obrigado por todas as vezes que, com jeito único, me pediu “mais sangue no olho”.

Este trabalho não seria possível sem a generosidade e companheirismo do meu orientador, Rennan Mafra. Ele foi a primeira pessoa a comprar a ideia de que fazer esse podcast seria possível e relevante. Entre conversas, risadas e desabafos, Rennan levou minha ideia a um patamar que eu jamais imaginei que ela fosse chegar. Obrigado por ser luz nítida, quando a visão está opaca e confusa. Sou grato também por ter se tornado um amigo que pretendo levar para o resto da minha vida.

E por falar em amizade, não posso deixar de agradecer a eles que estão comigo para o que der e vier. A Rodrigo, Alone e Vinição, agradeço por incentivar e apoiar que o menino barranqueiro fosse além do rio. Obrigado por me reconectar com minhas origens sempre que me distancio delas.

De Viçosa, agradeço especialmente àqueles irmãos de alma que fiz antes da graduação: Vitinho, Bella, Belle, Artur, Thalita e Isadora. Vocês estiveram comigo em cada momento de aflição antes de chegar até a UFV, de modo que as bases dessa construção foram feitas por vocês.

Já a conclusão das obras, veio pelas mãos de Breno Longhi, que confiou em mim para tocar um programa de rádio semanal e me ensinou muito sobre a vida, música e sociedade; também pelas mãos de Albert Ferreira, Felipe Menicucci, e outros tantos que me ensinaram sobre jornalismo, rádio, tv, câmera e afins na Fratevi e no DCM.

Por fim, nas figuras de Bárbara Pinheiro, Belle Braconnot e Caio Ferreira, que integraram este podcast, agradeço imensamente a todos os amigos da graduação que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

O podcast narrativo “*Eles não vão nos calar*” é um projeto experimental produzido na disciplina COM 490 - Trabalho de Conclusão II, como Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O objetivo deste trabalho é contar a história da relação entre imprensa e extrema-direita a partir da chegada de Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2019, com foco nos ataques sofridos à imprensa pela perspectiva de gênero - uma vez que as mulheres jornalistas são alvos preferenciais do grupo que ocupa o poder. Tendo como fio narrativo os depoimentos de jornalistas mulheres - Marina Dias, Julia Chaib, Naira Hofmeister e Miriam Leitão -, o podcast aborda: 1) a ascensão de grupos da extrema-direita no mundo e no Brasil 2) os modos como tais grupos têm tentado acabar com as instituições democráticas, sobretudo o jornalismo; e 3) os cenários nos quais mulheres tornam-se alvo prioritário dos ataques ao jornalismo e, com isso, a um conjunto de garantias da vida democrática, visibilizadas pelas práticas jornalísticas nos contextos brasileiros recentes.

PALAVRAS-CHAVE:

Democracia; extrema-direita; ataques à imprensa.

ABSTRACT

The narrative podcast “*Eles não vão nos calar*” is an experimental project produced in the course COM 490 - Completion Work II, as a Course Completion Work of the Social Communication - Journalism Course at the Federal University of Viçosa. The objective of this work is to tell the story of the relationship between the press and the far-right from the arrival of Jair Bolsonaro to the Presidency of the Republic, in 2019, focusing on the attacks suffered by the press from the gender perspective - since women journalists are preferred targets of the group in power. Based on the testimonies of women journalists - Marina Dias, Julia Chaib, Naira Hofmeister and Miriam Leitão -, the podcast addresses: 1) the rise of far-right groups in the world and in Brazil 2) the ways in which such groups they have tried to do away with democratic institutions, especially journalism; and 3) the scenarios in which women become a priority target of attacks on journalism and, with that, on a set of guarantees of democratic life, made visible by journalistic practices in recent Brazilian contexts.

KEY-WORDS

Democracy; far right; attacks on the press.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
2.1. O jornalismo num cenário de ameaças: prática jornalística, gênero e desafios à imprensa nos contextos contemporâneos.....	8
2.2. A imprensa no Brasil de Jair Bolsonaro.....	12
2.3. As mulheres jornalistas na mira da extrema-direita.....	14
2.4. O lugar do podcast na explicitação do cenário de ameaças ao jornalismo e à democracia.....	16
3. RELATÓRIO TÉCNICO.....	18
3.1. A proposta do podcast.....	18
3.2. Pré-produção.....	19
3.3. Produção.....	21
3.3.1. Listagem das entrevistadas, justificativas, datas e plataforma usada...	22
3.4. Finalização.....	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
6. ANEXO - ROTEIROS DOS PODCASTS.....	29

1. INTRODUÇÃO

A pandemia da covid-19 mudou os rumos do mundo. De repente, as pessoas precisaram ficar em casa para se proteger de um vírus desconhecido e que poderia levar à morte em questão de dias. Foi como eu fiz de março a dezembro de 2020, em minha cidade natal, Pirapora, no norte de Minas Gerais. Neste período me dediquei a fazer duas coisas: ler e acompanhar as notícias.

Do mundo, chegavam as informações sobre mortes incessáveis na Europa, o rápido e eficiente controle da pandemia nos países asiáticos e algumas atualizações sobre o desenvolvimento das vacinas. A comunidade científica internacional entendeu que o uso de máscaras e o isolamento seriam as maneiras mais eficazes para conter o coronavírus, e boa parte dos líderes mundiais acataram as recomendações. Mas não foi o que aconteceu no Brasil.

O presidente da República, Jair Bolsonaro, tratou a pandemia como uma “gripezinha”, desestimulou o uso de máscaras e incentivava a automedicação com fármacos ineficazes contra a doença. E na pior crise sanitária dos últimos anos, os brasileiros não poderiam sequer contar com o órgão estatal que deveria protegê-los: o Ministério da Saúde. Foi neste cenário, que os jornalistas provaram seu compromisso com a sociedade.

As informações sobre como se prevenir da covid e o que fazer se fosse acometido por ela eram divulgadas a todo momento. Veículos de imprensa chegaram a fazer um consórcio para informar a população sobre os números da pandemia no Brasil, algo que o governo deveria fazer, mas preferia esconder. Assim, se sentindo ameaçado pela imprensa, Bolsonaro e seus apoiadores resolveram intensificar os ataques contra o jornalismo que já havia sido iniciado antes mesmo da eleição.

Enquanto acompanhava, indignado, as coisas acontecendo do sofá de casa, senti a necessidade de estudar sobre a nova extrema-direita e como ela vinha tentando acabar com as sociedades democráticas. Mas foi a partir da leitura de “A Máquina do Ódio”, da jornalista da Folha de S. Paulo Patrícia Campos Mello, que me

veio inspiração para produzir algo que contasse este mesmo momento histórico, mas a partir da perspectiva dos profissionais de imprensa.

Este trabalho foi pensado para estimular o debate em sociedade sobre o processo de erosão democrática tocado pela extrema-direita, e como isso passa pela destruição da imprensa livre e independente. Também abordo como, no Brasil, isso tem consequências ainda mais graves para as mulheres jornalistas, alvos preferenciais do presidente e seus apoiadores.

Pretendo com este projeto que o público comum entenda a importância do jornalismo, como funciona e por que ele existe. Mas também quero que os colegas jornalistas ouçam as personagens para conseguir planejar os passos em direção a saída deste triste, mas, espero, superável capítulo de nossa história.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O jornalismo num cenário de ameaças: prática jornalística, gênero e desafios à imprensa nos contextos contemporâneos

Durante uma entrevista coletiva realizada na Casa Branca, no dia 07 de novembro de 2018, ao ser perguntado pelo repórter Jim Acosta, da CNN, sobre a política migratória e as investigações sobre a interferência russa na eleição de 2016, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, se irritou com o jornalista. Mandou que ele largasse o microfone e disse que a CNN “deveria estar envergonhada” por tê-lo como funcionário. Trump também disse que Acosta era “rude” e “uma pessoa terrível”. Depois desse episódio, por ordem do presidente, as credenciais de Acosta para cobrir a Casa Branca chegaram a ser retiradas, mas a justiça revogou a decisão.

Apesar de ser comum que políticos se incomodem com os jornalistas, a resposta dada pelo presidente ao repórter não pode ser considerada como reflexo deste incômodo habitual. Mais do que isso, ela evidencia a tendência autoritária de um governante que, ao longo de seu mandato, atentou constantemente contra a liberdade de imprensa e, portanto, contra a própria democracia. Afinal, o que legitima o jornalismo como pilar de sustentação das sociedades democráticas após as revoluções burguesas do século XVIII, é justamente sua função de fiscalização dos agentes públicos, constituindo-se numa instância de contrapoder, como aponta Sartor (2016):

Foi como parte essencial das lutas da burguesia europeia contra regimes absolutistas a partir do século XVIII que a imprensa adquiriu legitimidade como instituição destinada a assegurar o amplo acesso a informações de interesse geral e a garantir a constituição de uma esfera pública (HABERMAS, 2003) – e é nesse momento histórico que a noção de interesse público começa a ser incorporada ao repertório discursivo das organizações e dos sujeitos envolvidos com a produção informativa. Ao conferir visibilidade às questões concernentes aos cidadãos, fomentar o debate crítico e aberto sobre temas de relevo político e exercer papel de fiscalização dos agentes públicos e das instâncias de poder, o jornalismo foi demarcando seu lugar identitário e justificando sua existência e importância para as sociedades democráticas.

O ataque ao jornalismo profissional não se restringe ao contexto estadunidense. Os governos de tendência autoritária surgidos ao redor do mundo nos últimos anos têm apresentado características comuns. Uma delas é “a

construção de ameaças e inimigos imaginários para justificar medidas restritivas e recuos reacionários.” (ABRANCHES, 2020, p. 90). Portanto, tratar jornalistas como ameaças é uma estratégia desses governantes, para que tentativas posteriores de restringir a liberdade de imprensa não sejam percebidas como retrocessos democráticos, mas como atitudes necessárias para assegurar o respeito à escolha popular.

Essa relação conflituosa com a imprensa tem início ainda nas eleições. A estratégia dos candidatos de extrema-direita é atrair os eleitores por meio de assuntos que geralmente não ganham destaque em disputas eleitorais, já que, como afirma Empoli (2019, p. 63), “a indignação, o medo, o preconceito, o insulto, a polêmica racista ou de gênero se propagam nas telas e proporcionam muito mais atenção e engajamento que os debates enfadonhos da velha política”. Com essas declarações, a atenção da mídia é atraída, o que gera manchetes e faz com que analistas debatam sobre as condutas desses candidatos (ABRANCHES, 2020). Para Sartor (2016, p. 106), uma das finalidades democráticas do jornalismo é “contribuir para formar e expressar a opinião pública (constituir um veículo capaz de fomentar o debate público e garantir a expressão da vontade geral)”. Ao conferir relevância e legitimidade aos atores da extrema-direita no debate público, a imprensa tradicional os tornam mais expostos que seus adversários, mas sem que precisem explicar suas declarações diretamente aos jornalistas.

Uma outra característica primordial para entender a atuação dos políticos da nova extrema-direita é a relação deles com as redes sociais. Com a internet e os avanços tecnológicos do século XXI, acentua-se a crise no modelo de negócios que sustentou a imprensa tradicional durante décadas, resultando na demissão de profissionais e consequente enxugamento das redações jornalísticas. Nesse contexto, governantes passaram a utilizar as redes sociais como um canal de comunicação direta com seus eleitores. Em uma análise realizada para sua tese de mestrado, Gandour (2019) mostra que, entre os governadores brasileiros, o número médio diário de posts por governador no Facebook cresceu 91%, entre 2013 e 2016. Já quando se analisa a mesma métrica em relação aos jornais em cada estado, o número aumentou apenas 6%.

Isso evidencia que a redução do número de profissionais dedicados ao jornalismo nas redações faz com que a imprensa não atue de forma intensa na mediação e organização do ambiente informativo. Essa lacuna é preenchida pela comunicação direta entre governantes e governados nas redes sociais (GANDOUR, 2019). Esse desequilíbrio de forças na capacidade de pautar o debate público gera um cenário propício para os projetos de poder dos políticos de extrema-direita, como aponta Mello:

Na versão moderna do autoritarismo — em que governantes não rasgam a Constituição nem dão golpes de Estado clássicos, mas corroem as instituições por dentro —, não é necessário censurar a internet. Nas “democracias iliberais”, segundo o vernáculo do primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán, basta inundar as redes sociais e os grupos de WhatsApp com a versão dos fatos que se quer emplacar, para que ela se torne verdade — e abafe as outras narrativas, inclusive e sobretudo as reais (MELLO, 2020, p. 23).

A disseminação de conteúdos falsos ou distorcidos nas redes sociais representa um risco para a democracia, já que acaba por influenciar diretamente as ações dos cidadãos e minam a confiança destes na cobertura jornalística. A edição de 2018 do Edelman Trust Barometer, levantamento que aponta anualmente o índice de confiança da população de 28 países nas suas instituições, mostrou que, pela primeira vez, a instituição menos confiável globalmente foi a mídia. Dentre os três países que registraram a maior queda de confiança nesta instituição, dois eram governados por políticos de extrema-direita à época: os Estados Unidos, sob o comando do presidente Donald Trump, e a Índia, chefiada pelo primeiro-ministro Narendra Modi (Edelman, 2018).

Também comum aos governantes incidentais, como os denomina Sérgio Abranches (2020), é o ataque direto a jornalistas específicos. Quando profissionais publicam reportagens que desagradam o governo ou criticam algum de seus aliados, em questão de minutos, seguidores mais radicais e robôs promovem verdadeiras campanhas de linchamento virtual nas redes sociais. Surgem memes ofensivos e obscenos, ameaças de morte e a divulgação de dados privados sobre o jornalista ou a própria organização na qual ele está vinculado, prática conhecida como *doxing*. Na Itália, por exemplo, é o que tem acontecido com jornalistas críticos ao Movimento 5 Estrelas, como mostra Empoli:

Na Itália, todo jornalista ou comentarista compreendeu rápido que o simples fato de redigir um texto sobre o M5S (Movimento 5 Stelle, em italiano) o deixava exposto não só a uma onda de críticas – como seria normal –, mas a uma tempestade de insultos. A partir do final de 2013, o blog introduz uma seção dedicada ao “jornalista do dia”: geralmente, um repórter que criticou o movimento. A vítima é apresentada às massas de grilinhos como um exemplo de má-fé e da corrupção das mídias italianas e se torna pontualmente objeto de injúrias e ameaças nas telas das redes. (EMPOLI, 2019, p. 41)

O principal objetivo desse tipo de ataque é desviar a atenção das pessoas para os problemas reais apontados pelos jornalistas em suas publicações, minando a confiança que a sociedade deposita na imprensa como vigilante do poder público (MELLO, 2020). Nos contextos brasileiros, como veremos a seguir, essa estratégia foi rapidamente incorporada pelo corpo coletivo liderado por Jair Bolsonaro, a partir de práticas permanentemente retomadas em seu atual processo de governabilidade.

2.2. A imprensa no Brasil de Jair Bolsonaro

No Brasil, a liberdade de imprensa está garantida no texto constitucional. Conforme o Art. 220 da Carta Magna:

A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição. (Brasil, 1988, Art. 220)

Ainda de acordo com o parágrafo segundo do mesmo artigo, é vedada “toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística” (Brasil, 1988). O exposto não se trata de mera formalidade jurídica. A promulgação da Constituição Federal de 1988 é um marco histórico que representa o fim de 21 anos de ditadura militar no Brasil. Dentre os vários crimes contra os direitos humanos, perseguições políticas e restrições às liberdades individuais, esse regime também impôs censura à imprensa. O texto constitucional, portanto, busca garantir que retrocessos democráticos não sejam cometidos, como, por exemplo, o de tentar calar aqueles que, por dever de ofício, devem vigiar e questionar o poder público.

Entretanto, 32 anos após a promulgação da Carta Magna, a principal autoridade do país parece não conhecer - muito menos reconhecer - seu conteúdo. No dia 23 de agosto de 2020, ao ser questionado por um repórter do jornal O Globo sobre o depósito de 89 mil reais em cheques feito pelo ex-assessor Fabrício Queiroz

e pela esposa dele, Márcia Aguiar, na conta da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, entre 2011 e 2016, o presidente Jair Bolsonaro ameaçou agredir o repórter. Disse aos jornalistas que o seguiam: "Eu vou encher a boca desse cara na porrada". Esse episódio demonstra que, no Brasil, a relação do líder da extrema-direita com a imprensa não se dá de forma distinta ao que acontece em países na mesma situação política.

Ameaças, insultos e tentativas de desacreditar o trabalho jornalístico têm sido recorrentes durante o governo Bolsonaro. Um relatório realizado pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) mostrou que, em 2020, foram reportados 102 alertas para discursos estigmatizantes, feitos somente por autoridades públicas, contra jornalistas no Brasil. Desse total, 72 foram proferidos por Jair Bolsonaro, o agressor mais recorrente (Abraji, 2020). Se em 1967, a ditadura militar impõe a censura por meio de uma norma jurídica, a Lei de Imprensa, a estratégia de Bolsonaro para silenciar os jornalistas é outra. Ao transformá-los em alvos de seus apoiadores, o presidente sistematiza uma censura não institucionalizada, como relata MELLO (2020, p. 100-101):

Mas a verdade é que linchamentos virtuais funcionam como uma censura informal. Toda vez que vou escrever uma reportagem investigativa que envolve o governo, respiro fundo e imagino o que pode vir do outro lado. Será que vão ultrajar pessoas da minha família ou fazer memes obscenos? Penso várias vezes se vale a pena escrever. E suponho que muitos jornalistas estejam experimentando a mesma sensação e de alguma maneira acabem se autocensurando.

Outra tentativa de enfraquecer o trabalho da imprensa se dá no âmbito da transparência. As ações dos governantes são de interesse público, este que, para o jornalismo, "se apresenta como o grande princípio da atividade informativa, à medida que engloba todas as dimensões normativas importantes dessa instituição: o valor da verdade (sem o qual o campo jornalístico perde seu principal capital simbólico, a credibilidade), os papéis da profissão relacionados à garantia da democracia e a atenção às necessidades de informação dos cidadãos" (SARTOR, 2016).

Neste sentido, a Lei de Acesso à Informação foi um importante marco na divulgação de informações públicas relevantes e um dos principais instrumentos para a realização de reportagens investigativas. No governo de Jair Bolsonaro, ela se tornou um dos primeiros alvos. Em 24 de janeiro de 2019, o vice-presidente da República, Hamilton Mourão, publicou o Decreto Nº 9690 que ampliava o número de

autoridades competentes para impor sigilo a documentos públicos, classificando-os como secretos ou ultrassecretos, como dirigentes de autarquias e empresas públicas (Brasil, 2019). Por se tratar de um precedente para que a proteção de dados públicos fosse utilizada de forma indevida, o decreto teve ampla repercussão e acabou revogado. Mesmo após esse episódio, Bolsonaro ainda mantém sob sigilo gastos com o cartão corporativo da Presidência da República e seu cartão de vacinação, este último negado ao jornalista Guilherme Amado, da revista *Época*, quando fez uma solicitação baseada na Lei de Acesso à Informação, em janeiro de 2021.

Este conjunto de ações fez com que a situação dos jornalistas no país piorasse drasticamente. Desde 2018, o Brasil caiu cinco posições no Ranking Mundial de Liberdade de Imprensa, elaborado anualmente pela organização Repórteres Sem Fronteiras (2020), e ocupa a 107ª posição dos 180 países analisados, em 2020. A organização aponta ainda que a eleição de Bolsonaro, em 2018, “marcou a abertura de um período especialmente sombrio para a democracia e a liberdade de imprensa”. Mas se essa realidade é ruim no contexto geral, quando observamos o problema adotando uma perspectiva de gênero, percebemos que a situação se agrava ainda mais para as jornalistas.

2.3. As mulheres jornalistas na mira da extrema-direita

Em 25 de fevereiro de 2020, a jornalista Vera Magalhães noticiou em sua coluna no jornal *O Estado de S. Paulo* que o presidente Jair Bolsonaro estava disparando mensagens por WhatsApp convocando seus apoiadores para participarem de manifestações, no dia 15 de março, em sua defesa e contra o Congresso Nacional. Dois dias depois, durante uma transmissão ao vivo pela internet, Bolsonaro negou que a mensagem fosse verdadeira, acusou a jornalista de ter mentido em sua coluna e ainda a insultou dizendo “Vera Magalhães, eu não sou da tua laia”. Foi o necessário para que a jornalista fosse hostilizada pelos seguidores do presidente nas redes sociais. Vera teve dados pessoais expostos, sofreu ameaças e um perfil falso chegou a ser criado em uma rede social. Essa é uma das histórias que ilustram a realidade das mulheres jornalistas no país, tornadas alvos preferenciais dos políticos e apoiadores da extrema-direita no Brasil (MELLO, 2020).

É importante ressaltar que, historicamente nas sociedades liberais, como é o caso da brasileira, homens e mulheres ocupam espaços diferentes. Enquanto a eles é assegurado e incentivado o acesso à esfera pública, onde as decisões políticas são tomadas, a elas é relegado o papel de atuar, exclusivamente, na esfera privada, entendido como o lugar da família e da vida doméstica. O fato de que as mulheres têm a capacidade biológica de engravidar foi o que fundamentou a diferença de papéis sociais entre os gêneros no liberalismo, justificando assim a subordinação delas aos homens e a limitação ao ambiente doméstico (PATEMAN, 2013). Entretanto, esse argumento biológico nega a igualdade entre indivíduos proposta pelo liberalismo, uma vez que

“um subordinado natural não pode ser, ao mesmo tempo, livre e igual. Assim, as mulheres (esposas) são excluídas da condição de ‘indivíduos’ e, portanto, de participar do mundo público da igualdade, do consentimento e das convenções” (PATEMAN, 2013, p. 58).

No final do século XIX, as mulheres passaram a reivindicar igualdade de direitos em relação aos homens, o que culminou na criação dos movimentos feministas. Nesse contexto, as mulheres descobrem nos jornais um espaço para disseminação de suas ideias e lutas, pois como aponta Brandão:

A imprensa era um meio poderoso de comunicação, ainda que naquele período poucos pudessem ler, devido ao alto índice de analfabetismo. A imprensa atingia a elite, ou seja, políticos que poderiam mudar leis, mulheres que por privilégio tinham acesso ao saber e, sendo feministas, podiam lutar pelas que não tinham voz. A imprensa se mostrava como um meio democrático para várias lutas e, por isso, a mulher conseguiu tirar proveito dessa ferramenta tão importante para alcançar seus objetivos. (BRANDÃO, 2020, p. 50-51).

Podemos perceber que o começo da história das mulheres no jornalismo se dá em um contexto de reivindicações por igualdade de direito. Ainda que avanços consideráveis tenham ocorrido nas últimas décadas, elas ainda são as que mais estão submetidas a um sistema de opressões entre os profissionais da imprensa.

Um estudo realizado pela International Women’s Media Foundation em parceria com a TrollBusters mostrou que entre as jornalistas, 63% relataram já terem sido ameaçadas ou assediadas on-line, 58% sofreram ameaças pessoalmente e 26% foram atacadas fisicamente. Dessas profissionais, 40% também disseram ter passado a evitar algumas matérias devido ao assédio e às ameaças (FERRIER, 2019). No Brasil, os ataques às mulheres jornalistas têm sido frequentes. De acordo

com um levantamento feito pela Abraji, em 2020, as mulheres foram atacadas diretamente em 17% dos casos de violações à liberdade de imprensa. Quando são analisados somente os que ocorreram no meio digital, as mulheres jornalistas representam 56,76% das vítimas (Abraji, 2021).

Vale ressaltar que um dos principais praticantes e incentivadores de ataques às mulheres jornalistas no país é Jair Bolsonaro. Em 2020, ele foi denunciado no Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, onde diversas entidades apontaram que o presidente ou membros do governo foram responsáveis por 54 ataques às profissionais.

Evidencia-se, portanto, a necessidade da produção de um podcast jornalístico que exponha essa realidade e sirva como um registro histórico da situação da imprensa em um contexto de retrocessos democráticos no Brasil.

2.4. O lugar do podcast na explicitação do cenário de ameaças ao jornalismo e à democracia

De acordo com Luiz e Assis (2010, p. 1), podcasts podem ser programas de áudio ou vídeo que possuem como característica principal a “forma de distribuição direta e atemporal chamada *podcasting*”. O termo “podcasting” deriva da junção do prefixo “pod”, retirado de *iPod*, um aparelho popular de mídias digitais dos anos 2000 fabricado pela empresa Apple, com o sufixo “casting”, provindo da expressão inglesa “broadcasting”, que pode ser traduzido em português como “transmissão”.

Sobre o surgimento do podcast, Cardoso e Vilaça (2022) destacam que:

Desde a sua origem o podcast se apresenta como um tipo de mídia que utiliza áudio e se conecta, de alguma forma, à internet, por onde permite completar sua convergência pelos dispositivos digitais e, por isso, se tornou um aparato de comunicação com a possibilidade de quebrar paradigmas quanto à distribuição e a criação de conteúdos que, até então, estavam concentrados no sistema de radiodifusão.

Ou seja, foi a disponibilidade para consumo a qualquer momento, característica possibilitada pela internet, que torna o podcast diferente de programas radiofônicos, pensados em uma estrutura de transmissão que privilegia o ao vivo.

Para que isso ocorresse, esta nova mídia digital se apropria de um método de disponibilização do conteúdo criado para os blogs. A base do podcast, o feed RSS (*Really Simple Syndication*), é, portanto:

uma maneira de relacionar o conteúdo de um blog de forma que seja entendido pelos agregadores de conteúdo. Isso é possibilitado através dos chamados “feeds”, que trazem o conteúdo do blog codificado de maneira que esses programas compreendam e possam apresentar as atualizações automaticamente para os usuários que cadastraram o feed de seus blogs preferidos. Com isso, o usuário recebe cada novo conteúdo automaticamente, não precisando mais visitar cada site para ver se já foi atualizado (LUIZ; ASSIS, 2010, p. 4).

Com a estrutura consolidada, o podcast se populariza aos poucos nos Estados Unidos, até que a partir de 2012 surgem os primeiros programas a usar o financiamento coletivo como modelo de negócios. Esta prática trouxe independência a personalidades de rádios públicas estadunidenses, que começaram a intensificar a produção de conteúdo baseado em *storytelling*, ou contação de histórias, e séries (CARDOSO; VILLAÇA, 2022).

Neste período, um dos primeiros grandes sucessos nos Estados Unidos foi o podcast *Serial*, que utiliza a estrutura narrativa do *storytelling* para contar a história de uma investigação jornalística sobre o assassinato de uma estudante em 1999. A primeira temporada do programa chegou a mais de 80 milhões de downloads em fevereiro de 2016.

No Brasil, um podcast que usou a mesma temática (crime real) foi “Praia dos Ossos”, lançado pela Rádio Novelo em 2020. O programa conta a história do assassinato da *socielite* Ângela Diniz por seu namorado, Doca Street, em 1976. Entretanto, como ressaltam Oliveira e Kneipp (2020), o diferencial desta série não foi uma nova investigação criminal sobre o caso, mas “uma discussão sobre violência de gênero contra as mulheres”.

Pode-se afirmar que a medida em que mobilizou a discussão de uma temática importante, como o feminicídio e violência de gênero, “Praia dos Ossos” também cumpre uma função social do jornalismo. Segundo Falcão (2021):

Quando um produto jornalístico afirma que dará substância para que seu ouvinte possa debater qualquer assunto, quando promete análises aprofundadas ou garante que haverá compreensão sobre os principais assuntos do momento, ele está se colocando como um agente de cidadania, e de alguma forma diz ao receptor que naquele produto poderá encontrar a diversidade de conteúdos para nortear seu posicionamento e consequentemente suas decisões enquanto cidadão. (FALCÃO, 2021, p. 94)

É possível perceber, portanto, que a associação entre *storytelling* e jornalismo no podcast, mais do que um produto voltado ao entretenimento, pode ser uma maneira eficaz de iniciar o debate de temas relevantes para a sociedade. Ao humanizar o relato, e pela forma como os personagens são representados na história, as emoções e sentimentos do consumidor da informação são acionados. Assim, o público se aproxima dos fatos e tem grandes chances de se identificar com o conteúdo (VIANA, 2020).

Evidencia-se, por fim, que na conjuntura em que se discute as consequências dos ataques direcionados à imprensa numa sociedade democrática, o podcast se apresenta como um produto que pode contribuir neste debate. Por ser popular, de fácil acesso e podendo ser consumido em situações variadas, como durante a realização de tarefas domésticas ou no trânsito, será mais fácil despertar a atenção do público para o problema. Dessa forma, a sociedade terá as informações necessárias para, se quiser, impedir o processo de erosão da democracia.

3. RELATÓRIO TÉCNICO

3.1. A proposta do podcast

A proposta de fazer este podcast narrativo surgiu quando fiz o curso “Desenvolvimento de Projeto Documental”, na Academia Internacional de Cinema, em setembro de 2020. Durante as aulas, o professor Ricardo Martensen pediu que pensássemos em um projeto de documentário que tivesse uma urgência, uma história que merecesse ser contada. À época, eu estava bastante incomodado com os ataques que os jornalistas sofriam por parte do presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores, principalmente as mulheres jornalistas.

Decidi, então, que faria um documentário sobre este momento da história brasileira e teria como personagens principais as jornalistas Patrícia Campos Mello, Miriam Leitão e Vera Magalhães, ambas alvos de ataques diretos do presidente da República. Pelas experiências delas com a extrema-direita, eu registraria este momento histórico e reforçaria a importância da imprensa como um pilar democrático.

Durante o primeiro semestre de 2021, comecei um estudo dos casos de ataque, levantamento de dados e imagens de arquivo que pudessem ajudar na montagem do documentário. Neste processo de preparação, pensava em realizar as entrevistas presenciais no segundo semestre, quando imaginava que o cenário epidemiológico da pandemia da covid-19 estivesse melhor, o que não aconteceu. Decidi que manteria o tema, por sua relevância histórica, mas mudaria o formato, transformando o projeto experimental em um podcast narrativo.

A escolha deste produto foi fortemente influenciada pela minha experiência com podcasts. Sou consumidor deste tipo de conteúdo e cheguei a produzir alguns durante a graduação. Mas foi a partir da audição das séries *Praia dos Ossos*, produzido pela Rádio Novelo, e *Retrato Narrado*, uma parceria da Rádio Novelo com a revista piauí e o Spotify, que percebi como utilizar a estrutura do *storytelling* para debater um assunto tão importante para nossa experiência democrática.

A partir disso, passei a me organizar para produzir os episódios que comporiam o meu produto experimental.

3.2. Pré-produção

Com a definição do que seria o produto, comecei a busca pelas fontes iniciais que havia pensado para o documentário e de outras que complementariam as informações.

Uma delas foi a Natuza Nery, comentarista da Globo News. Ela é uma das principais vozes da categoria a denunciar os ataques e é amiga de algumas das jornalistas que foram alvos. Em 19 de julho de 2021, entrei em contato pelo Instagram e pedi uma entrevista. Ela agradeceu o convite, mas recusou, pois não tinha como aceitar novos compromissos na agenda.

Eu contei o ocorrido ao meu orientador, que encontrou uma nova possibilidade: ele entraria em contato com a jornalista Flávia Mantovani, repórter da Folha de S. Paulo. Fiquei extremamente satisfeito com essa possibilidade, porque embora a Flávia não tivesse sofrido nenhum ataque direto da extrema-direita, o jornal em que ela trabalha é um dos alvos preferenciais deste grupo. Pensei em conduzir a entrevista por este ângulo, justamente para contar dos desafios que a imprensa, como um todo, vinha enfrentando a partir de 2019.

Assim, Rennan me passou o contato e conversei com a Flávia. Ela me disse que aceitaria ser entrevistada, mas conseguiria me colocar em contato com fontes que poderiam ser mais interessantes para minha proposta. Foi o que fizemos.

Com intermediação da Flávia, consegui os contatos das repórteres Marina Dias e Julia Chaib, ambas da Folha; Naira Hofmeister, jornalista freelancer; além de Vera Magalhães e Juliana Dal Piva, repórter do Uol. Em relação às duas últimas consegui falar apenas com a Juliana, que não se sentia confortável para dar entrevista. Ela tinha acabado de ser atacada por apoiadores do presidente. Por último, através de uma amiga consegui marcar uma entrevista com a Miriam Leitão.

No meu planejamento, essas fontes abordariam as experiências reais de quem está trabalhando neste momento do país. Mas eu também queria uma fonte que trouxesse um panorama teórico dos fatos. Foi quando entrei em contato com as professoras da Universidade Federal de Viçosa, Rayza Sarmiento, então professora do Departamento de Ciências Sociais, e Débora Madeira, do Departamento de Direito, que aceitaram dar entrevista.

3.3. Produção

Para gravar as entrevistas usei duas plataformas: Zencastr, específica para gravação de podcasts e com melhor qualidade de áudio, e o Google Meet, mais fácil para as entrevistadas que não conseguissem gravar na primeira plataforma. Minha orientação era que todas usassem fones de ouvido, para captar melhor o áudio, mas nem sempre foi possível.

Tive um problema técnico na entrevista da professora Débora Madeira: embora conseguisse ouvi-la durante a gravação, o áudio final ficou muito baixo e com interferências. Entrei em contato para avaliar a possibilidade de gravarmos novamente, ela aceitou, mas não respondeu às minhas tentativas de agendar uma data. Assim, a entrevista da professora ficou inutilizada no podcast.

Pensei em duas sequências narrativas diferentes para os episódios. A primeira teria como tema principal a ascensão da extrema-direita no mundo e no Brasil, e os impactos disso na relação dos poderosos com a imprensa. Por isso, fiz perguntas às minhas entrevistadas sobre desinformação, cobertura jornalística anterior ao governo Bolsonaro, e as dificuldades que vieram a partir da chegada dele ao poder. Queria dar a sensação ao ouvinte de como, gradualmente, a situação foi se agravando.

No segundo episódio, abordaria estes mesmos temas a partir das experiências das mulheres jornalistas. Então, as perguntas foram a respeito de como é ser uma mulher no mercado jornalístico, como os ataques impactam a carreira e a necessidade de denunciá-los. Também quis abordar, no final do

episódio, maneiras de reverter a atual situação e fazer com que as pessoas defendam a imprensa.

Depois das entrevistas realizadas, escrevi os roteiros em três semanas. Busquei ouvir outros podcasts narrativos para comparar o estilo de escrita e concluir que não poderia colocar frases muito longas, pois a narração ficaria cansativa. Também pesquisei áudios, vídeos e dados que pudessem ajudar a contar a história. Uma saída que pensei para personagens que não seria possível entrevistar, como Patrícia Campos Mello e Fernando Henrique Cardoso, foi retirar trechos de seus livros e incorporá-los no roteiro.

Quanto à estrutura narrativa, usei um recurso chamado *in media res*, ou seja, começar a história a partir de um ponto importante. Dessa forma, conquista-se a atenção do ouvinte desde o princípio, pois cria a necessidade de ouvir até o final para entender tudo.

Com os roteiros finalizados, a Rádio Universitária cedeu o estúdio para gravação das locuções. A razão disso é que ao utilizar microfones condensadores, a qualidade de áudio é melhor. Escolhi como narradoras as estudantes de Jornalismo da UFV Isabelle Braconnot e Bárbara Pinheiro, pois trabalhei com ambas em outras oportunidades ao longo da graduação e já conhecia suas competências de narração - além da principal razão de serem mulheres. As gravações foram realizadas nos dias 26 de outubro de 2021 e 16 de novembro de 2021.

Pensei que se o podcast fosse narrado por duas mulheres causaria um impacto no ouvinte que a minha gravação não faria. Afinal, seriam mulheres contando o que aconteceu com outras, um duplo protagonismo. Ainda assim, também gravei algumas partes, como o da coluna da Mônica Bergamo, a nota de repúdio da Abraji e trechos dos livros “A Máquina do Ódio”, da Patrícia Campos Mello, e os “Diários da Presidência”, de Fernando Henrique Cardoso. Tendo todo este material, passei à edição do podcast.

3.3.1. Listagem das entrevistadas, justificativas, datas e plataforma usada

Entrevistada	Justificativa	Data	Plataforma
Marina Dias	Repórter da Folha de S. Paulo. Foi alvo de ataques do presidente Bolsonaro e de seus apoiadores. Também cobriu outros governos.	20/08/2021	Zencastr
Julia Chaib	Repórter da Folha de S. Paulo. Cobriu os bastidores da política em Brasília. Foi desrespeitada pelo governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha.	06/09/2021	Zencastr
Débora Madeira	Professora do Departamento de Direito da Universidade Federal de Viçosa.	14/09/2021	Zencastr
Naira Hofmeister	Jornalista freelancer, associada à Abraji.	20/09/2021	Google Meet
Rayza Sarmiento	Professora da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará.	28/09/2021	Google Meet
Miriam Leitão	Jornalista do Grupo Globo. Foi alvo de ataques do presidente Bolsonaro e de seus apoiadores. Também cobriu outros governos.	05/10/2021	Google Meet

3.4. Finalização

Para o momento de montagem e conclusão do podcast, utilizei o programa de edição *Adobe Audition*, com o qual já era bastante familiarizado. O primeiro passo em cada um dos episódios foi limpar o áudio das locuções e entrevistas, retirando trechos que foram gravados errados e algumas impurezas, como chiados. Também utilizei, por meio do programa, efeitos como o compressor, equalizador e o nivelador para melhorar a qualidade sonora.

Após esta etapa, realizei a montagem do programa numa sessão de múltiplas faixas - técnica por meio da qual busquei colocar trilhas e efeitos sonoros e realizar a mixagem do programa. Vale ressaltar que os efeitos sonoros são de um banco de efeitos gratuitos da *BBC*. A trilha sonora foi composta e produzida exclusivamente para o podcast por Caio Ferreira, também estudante de Jornalismo da UFV.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando entrei na graduação, em março de 2017, o que as pessoas diziam sobre ser jornalista era ligado à questão salarial, pois é sabido que a profissão não é a mais remunerada do mercado de trabalho. Seu exercício sempre foi difícil. Nosso trabalho afeta diretamente a vida em sociedade, e por isso exige muita responsabilidade, dedicação e compromisso com os fatos. Já imaginou lidar com esse peso nas costas? Mesmo ciente disso, eu escolhi o jornalismo como modo de vida.

Entretanto, nos últimos anos, a esse conjunto de grandes poderes e responsabilidades, se junta uma preocupação com a qualidade da democracia e com algo que em 2017 ainda não era um problema: a imprensa livre e independente ainda existirá nos próximos capítulos (talvez dias e meses, talvez anos). Tem gente que não quer, e diz isso explicitamente. Em 2018, a sociedade brasileira escolheu Jair Bolsonaro, como seu principal representante. E no juramento constitucional que prestou ao tomar posse como presidente da República, ele prometeu “manter, defender e cumprir a Constituição”, mas a prática diverge da teoria.

Bolsonaro foi o primeiro presidente a dizer que colocaria profissionais da imprensa vinculados ao Ibama, a ameaçar bater em repórter, e realizar ataques constantes aos principais veículos de comunicação do país. Também ressalto que este comportamento impulsiona que pessoas anônimas tratem jornalistas com mais violência no dia a dia. Dessa forma, há uma tentativa em curso de acabar com uma instituição basilar de qualquer democracia no mundo.

Indignado com esse cenário, resolvi que usaria minhas habilidades para contar uma parte da história do Governo Bolsonaro a partir da perspectiva dos profissionais de imprensa. E para que a disseminação do conteúdo fosse ainda mais fácil e rápida, decidi por fazer um podcast, algo que se tornou muito popular nos últimos anos. Assim, acredito ter feito a integração entre academia e sociedade, algo que, na minha concepção, deve nortear um estudante de universidade pública.

Ressalto ainda que, apesar de não ser uma mulher, identifiquei que o ataque com mais intensidade às profissionais de imprensa era um problema que merecia destaque. Portanto, não tive a pretensão de falar pelas mulheres, mas dar

visibilidade a essa pauta como jornalista. Acredito que meu dever foi fazer com que as vozes das verdadeiras protagonistas desta história alcançassem o maior público possível. E agradeço mais uma vez à Isabelle e Bárbara por serem condutoras dessas experiências.

Meu projeto experimental é uma homenagem a todos e todas que seguem dizendo “não” a essa tentativa de silenciamento. Foi extremamente importante para mim ouvir os relatos e as experiências de quem lida com a extrema-direita no Brasil, com os ataques nas redes sociais, e ainda assim segue fazendo seu trabalho. Me motivou a ter coragem no caminho que pretendo seguir após a conclusão do curso.

Quero que este trabalho sirva também de documento histórico e lembre às pessoas que a imprensa é importante na democracia. A pandemia, mais do que nunca, veio para mostrar que informação é vida. E nós, jornalistas, que damos nossas vidas pela boa informação, merecemos respeito e dignidade.

E como diria Belchior, “o passado é uma roupa que não nos serve mais”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAJI. Abraji, 2020. Levantamentos da Abraji e de outras organizações confirmam deterioração da liberdade de imprensa no país. Disponível em: <<https://www.abraji.org.br/levantamentos-da-abraji-e-de-outras-organizacoes-confirmam-deterioracao-da-liberdade-de-imprensa-no-pais>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ABRAJI. Abraji, 2021. Abraji aponta que mulheres jornalistas foram vítimas de mais da metade das agressões no meio digital. Disponível em: <<https://www.abraji.org.br/abraji-aponta-que-mulheres-jornalistas-foram-vitimas-de-mais-da-metade-das-agressoes-no-meio-digital>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ABRANCHES, Sérgio. **O tempo dos governantes incidentais**. 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BRANDÃO, Ludmilla. **Uma breve história da mulher no jornalismo, no feminismo e na sociedade**. 1ª ed. — Curitiba: Appris, 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 07 abr. 2021.

CARDOSO, M.; VILLAÇA, L. **Podcast no Brasil: ruptura de modelos de comunicação ou submissão à lógica de grupos hegemônicos de poder?**. *Revista Alterjor*, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 111-126, 2022. DOI: 10.11606/issn.2176-1507.v25i1p111-126. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/193021>. Acesso em: 23 mar. 2022.

EDELMAN TRUST BAROMETER. 2018. Disponível em: <https://www.slideshare.net/EdelmanInsights/2018-edelman-trust-barometer-brasil-report>. Acesso em 22 mar. 2021.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. 1ª ed. — São Paulo: Vestígio, 2019.

FALCÃO, B. M. **Podcasts de notícias diárias de análise aprofundada e cidadania no contexto do jornalismo pós-industrial**. 2021. 209 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

FERRIER, Michele. **Attacks and Harassment: The Impact on Female Journalists and Their Reporting**. International Women's Media Foundation e TrollBusters, 2019. Disponível em: <<https://www.iwmf.org/wp-content/uploads/2018/09/Attacks-and-Harassment.pdf>> Acesso em: 23 mar. 2022.

GANDOUR, R. **Jornalismo em retração, poder em expansão: como o encolhimento das redações e o uso crescente das redes sociais por governantes podem degradar o ambiente informativo e prejudicar a democracia**. 2019. 162 f.

Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

LUIZ, L.; ASSIS, P. de. **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**, Caxias do Sul. In: Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 10; Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul. Anais [...]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. p. 1 - 15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MELLO, P. C. **A máquina do ódio**. Notas de uma repórter sobre fake News e a violência digital. 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

OLIVEIRA, Lorenna Aracelly Cabral de; KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos . **Entre telas e episódios: a transmidiação no podcast Praia dos Ossos**. In: VI Encontro Nordeste de História da Mídia, 2021, UFCA. ALCAR NORDESTE 2020. Juazeiro do Norte: Organização CEPEJor, 2021. p. 42-47.

PATEMAN, Carole. **Críticas Feministas à dicotomia público/privado**. In: MIGUEL, Luís F.;BIROLI, Flávia, (orgs.). **Teoria Política Feminista: textos centrais**. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2013, pp. 55 – 79.

SARTOR, Basilio A. **A noção de interesse público no jornalismo**. 252 f Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2016.

VIANA, L. **O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting**. RuMoRes, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 286-305, 2020. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2020.167321. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

6. ANEXO - ROTEIROS DOS PODCASTS

Eles não vão nos calar Episódio 1	Apresentação: Isabelle Braconnot	Roteiro: Gabriel Máximo
---	--	-----------------------------------

<p>////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE GRAVADOR COMEÇANDO A RODAR</p> <p>////SOBE SOM - ÁUDIOS DE BOLSONARO ATACANDO JORNALISTAS SEPARADOS POR UM "BIP".</p> <p>////SOBE SOM</p>	<p>ISABELLE: OI, MEU NOME É ISABELLE BRACONNOT E EU ESTUDO JORNALISMO, NO MOMENTO EM QUE TÔ GRAVANDO ISSO, NÃO É FÁCIL SER JORNALISTA. O MOTIVO? BOM, ESCUTA SÓ.</p> <p>ISABELLE: CASO NÃO TENHA RECONHECIDO A VOZ... SEI LÁ. VAI QUE VOCÊ TAVA FORA DO PAÍS E FICOU SEM ACOMPANHAR AS NOTÍCIAS DOS ÚLTIMOS ANOS. ESSE É O PRESIDENTE DO BRASIL, JAIR BOLSONARO, ATACANDO JORNALISTAS. E SÓ PRA VOCÊ SABER, ESSE TIPO DE CENA NÃO É RARO HOJE EM DIA. MAS POR QUE A PRINCIPAL AUTORIDADE DO PAÍS ATACA FREQUENTEMENTE A IMPRENSA? É ISSO QUE A GENTE VAI TENTAR ENTENDER NESSE PODCAST. NOS PRÓXIMOS DOIS EPISÓDIOS, A GENTE VAI FALAR SOBRE A ASCENSÃO DA EXTREMA-DIREITA NO BRASIL, A RELAÇÃO DELA COM A IMPRENSA, E POR QUE NÓS, MULHERES JORNALISTAS, VIRAMOS OS PRINCIPAIS ALVOS DO PRESIDENTE. ENTÃO, COLOCA SEUS FONES DE OUVIDO E AUMENTA O VOLUME, PORQUE PODEM ATÉ TENTAR, MAS ELES NÃO VÃO NOS CALAR!</p> <p>ISABELLE: ANTES DE TUDO, A GENTE PRECISA ENTENDER COMO BOLSONARO CHEGOU AO PODER.</p>
---	--

////SONORA 1 - RAYZA

ELE É MAIS UM DOS REPRESENTANTES DA ONDA DE EXTREMA-DIREITA QUE VARREU O MUNDO E JÁ CONTAVA COM RODRIGO DUTERTE, PRESIDENTE DAS FILIPINAS; VIKTOR ORBÁN, PRIMEIRO-MINISTRO DA HUNGRIA; E O MAIS PODEROSO DELES, DONALD TRUMP, PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS. MAS O QUE É COMUM A ESSES GOVERNANTES? QUEM EXPLICA ISSO PRA A GENTE É A PROFESSORA RAYZA SARMENTO, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

Rayza Sarmento: Eu acho que esse é o momento de particular casamento infeliz entre uma direita conservadora, com ideais neoliberais, e conservadorismo de gênero. Então a direita conservadora, de uma forma já clássica, que se alia, direita conservadora pensando em políticos que não necessariamente estão preocupados com expansão de direitos, né, tão preocupado mais com acomodação de interesses, que se ligam num cenário de políticas neoliberais, de precarização do trabalho, de empreendedorismo de si, que atribui ao sujeito individual toda sua meritocracia e todo sucesso que ele vai poder chegar, retirando do estado a responsabilidade por esse sujeito, então é “você”, sempre “você”, tudo cabe a “você”, isso leva esse sujeito a se descolar da política, então se tudo cabe a mim, se eu sou empreendedor de si mesmo, eu não preciso de representante, é uma soma que é muito clara pra a gente da ciência política.

ISABELLE: ISSO QUE A

PROFESSORA RAYZA DISSE FICA MUITO NÍTIDO QUANDO A GENTE OLHA PRA A ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP NOS ESTADOS UNIDOS. PENSA NUM BILIONÁRIO, UM HOMEM QUE FEZ A FORTUNA SOZINHO E SEM APOIO DO GOVERNO. É O QUE OS AMERICANOS COSTUMAM CHAMAR DE “SELF-MADE MAN”. DEPOIS DE DÉCADAS CUIDANDO DOS NEGÓCIOS E APRESENTANDO UM PROGRAMA DE TV QUE MOSTRA SUA INTELIGÊNCIA COMO EMPRESÁRIO DE SUCESSO, ELE DECIDE ENTRAR NA POLÍTICA. O MOTIVO? OS REPRESENTANTES QUE AÍ ESTÃO SE MOVEM POR INTERESSES PESSOAIS E SÃO CONTROLADOS POR LOBBYS FORTÍSSIMOS. PRA PIORAR A SITUAÇÃO, ELES SE DESCOLARAM DO POVO AMERICANO, QUE AGORA VÊ SUAS VAGAS DE EMPREGO SEREM PREENCHIDAS POR IMIGRANTES. E AINDA TEM UMA CHATURA DE DIREITOS IGUAIS, IDEOLOGIA DE GÊNERO...

////SONORA 2 - RAYZA

Rayza Sarmento: a tal da ideologia de gênero, né, que nasce a partir de uma discussão da Igreja Católica no anos 90, gosto sempre de marcar isso porque a gente tem, pelo menos, quase três décadas dessa discussão, que foi cooptada por esses governos de uma forma muito bem feita, que tem na expansão de direitos das mulheres, na expansão de direitos das pessoas LGBTs, sobretudo, e nas discussões sobre sexualidade, um gancho que a gente chama, os estudiosos de gênero, uma cola simbólica. eu vou proteger a sua família, eu vou prote..., né? Eu vou proteger das ameaças do gênero, tudo isso se liga então na manutenção de uma estrutura patriarcal de sociedade. quando

<p>////BG - HINO DOS ESTADOS UNIDOS</p> <p>////SONORA DONALD TRUMP</p> <p>////SOBE SOM - HINO DOS ESTADOS UNIDOS</p> <p>////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE DISCO VOLTANDO</p>	<p>esses governos neoconservadores que se aliam a essa ideia de ideologia de gênero, eles mantêm estruturas patriarcais, que colocam, recolocam, né, novamente as mulheres em estruturas de opressão, estruturas de exclusividade, por exemplo, do cuidado doméstico, da maternidade como uma vocação.</p> <p>ISABELLE: AÍ ENTRA EM CENA O CARA QUE VAI MUDAR ISSO TUDO. ELE VAI PROTEGER SUA FAMÍLIA E LUTAR CONTRA A VELHA POLÍTICA AMERICANA. NO FINAL DE TUDO, ESSE CARA SEM EXPERIÊNCIA POLÍTICA, UM OUTSIDER, AINDA PROMETE TRAZER O PAÍS DE VOLTA PROS TEMPOS DE GLÓRIA. É TUDO QUE VOCÊ QUERIA, NÉ? O SEU VOTO PODE “TORNAR A AMÉRICA GRANDE DE NOVO”. FOI DESSE JEITO, E COMO ESSE SLOGAN, QUE DONALD TRUMP ACABOU VIRANDO O QUADRAGÉSIMO QUINTO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS.</p> <p>Áudio de Donald Trump falando o slogan “Make America Great Again”.</p> <p>ISABELLE: AQUI NO BRASIL, MESMO SENDO PARLAMENTAR HÁ 28 ANOS, BOLSONARO TAMBÉM CONSEGUIU SER A CARA DESSAS IDEIAS. A POPULAÇÃO TAVA BEM REVOLTADA COM OS ESCÂNDALOS DE CORRUPÇÃO QUE ABALARAM OS GOVERNOS ANTERIORES, COMO O MENSALÃO E A LAVA-JATO. AÍ VEIO BOLSONARO DIZENDO QUE FOI O ÚNICO DEPUTADO QUE NÃO RECEBEU DINHEIRO DO MENSALÃO PRA APROVAR AS PROPOSTAS DO GOVERNO NO CONGRESSO.</p>
---	---

////SOBE SOM - SONORA DE BOLSONARO NO JORNAL NACIONAL

Áudio de Bolsonaro no Jornal Nacional.

ISABELLE: DEPOIS VEIO O BOLSONARO BRIGANDO COM O GOVERNO NO CONGRESSO PELA NÃO INCLUSÃO DA IDEOLOGIA DE GÊNERO NAS ESCOLAS. ERA O PROTETOR DAS FAMÍLIAS ENTRANDO EM AÇÃO.

////SOBE SOM - SONORA DE BOLSONARO NO PLENÁRIO DA CÂMARA

Áudio de Bolsonaro no plenário da Câmara.

ISABELLE: E PRA FECHAR O COMBO, SE O TRUMP DEFENDIA QUE OS ESTADOS UNIDOS TINHAM QUE SER GRANDE COMO FORAM NO SÉCULO XX, PRO BOLSONARO, A DITADURA MILITAR, QUE MATOU, TORTUROU, RETIROU LIBERDADES E ENTREGOU UM PAÍS AOS FRANGALHOS, ERA UM EXEMPLO DO PASSADO DE GLÓRIA DO BRASIL.

//// SOBE SOM - SONORA DE BOLSONARO NA MARIANA GODOY

Áudio de Bolsonaro defendendo a ditadura militar na Mariana Godoy

ISABELLE: ESSAS FALAS REPERCUTIAM EM PROGRAMAS DE ENTRETENIMENTO, COMO O CQC E SUPERPOP, QUE CONSIDERAVAM BOLSONARO APENAS COMO UM DEPUTADO FEDERAL "POLÊMICO". E FOI ASSIM, MESMO SEM FORÇA POLÍTICA, QUE BOLSONARO CONQUISTOU UMA MAIORIA DE ELEITORES REVOLTADOS COM A "VELHA POLÍTICA" DOS GOVERNOS ANTERIORES. MAS NÃO SÓ. BOLSONARO, ASSIM COMO SEUS COLEGAS DA EXTREMA-DIREITA AO REDOR DO MUNDO, TAMBÉM ENTENDEU COMO AS REDES SOCIAIS PODERIAM AJUDAR NESSE PROCESSO.

////SOBE SOM

////CAI PARA BG

ISABELLE: FOI EM GRUPOS DE WHATSAPP, FACEBOOK E POR VÍDEOS NO YOUTUBE QUE BOLSONARO COMEÇOU A SE COMUNICAR DIRETAMENTE COM SEUS ELEITORES. NESSES ESPAÇOS, ALÉM DA PROMOÇÃO DA IMAGEM DO DEPUTADO, TAMBÉM CIRCULAVAM INFORMAÇÕES FALSAS. O OBJETIVO ERA DRIBLAR A IMPRENSA TRADICIONAL, COLOCANDO EM CHEQUE A VERACIDADE DAS APURAÇÕES, E PREJUDICAR OS ADVERSÁRIOS POLÍTICOS. ISSO FEZ COM QUE MUITA GENTE COMEÇASSE A ACREDITAR AINDA MAIS NO QUE CIRCULAVA NAS REDES E MENOS NO JORNALISMO PROFISSIONAL. O RESULTADO DISSO É QUE UMA PESQUISA FEITA PELA CÂMARA DOS DEPUTADOS E PELO SENADO, EM 2019, MOSTROU QUE O WHATSAPP ERA A PRINCIPAL FONTE DE INFORMAÇÃO DE 79% DOS ENTREVISTADOS.

E TEM MAIS: CASO ALGUÉM SE ATREVESSE A PREJUDICAR A IMAGEM DO “MITO”, ENTRAVA EM CAMPO UMA REDE DE ROBÔS E APOIADORES PRA FAZER MAIS BARULHO E REVERTER A SITUAÇÃO. FOI O QUE ACONTECEU COM A REPÓRTER MARINA DIAS, DA FOLHA DE S. PAULO. A MARINA HOJE É CORRESPONDENTE DA FOLHA NOS ESTADOS UNIDOS, MAS EM 2018 ELA FEZ PARTE DA EQUIPE DO JORNAL QUE COBRIU A ELEIÇÃO AQUI NO BRASIL. FALTANDO UMA

////SONORA 1 - MARINA

SEMANA PRO PRIMEIRO TURNO, ELA E O REPÓRTER RUBENS VALENTE PUBLICARAM UMA MATÉRIA COM INFORMAÇÕES SOBRE UMA AMEAÇA DE MORTE QUE BOLSONARO TERIA FEITO A SUA EX-MULHER ANA CRISTINA VALLE.

Marina Dias: Era uma reportagem muito importante, em que a ex-mulher do Bolsonaro, como você falou, relatava ter sido ameaçada de morte quando eles tavam disputando a guarda do filho deles alguns anos antes disso. então, eram documentos que estavam no Itamaraty, documentos sigilosos, e a gente teve acesso a isso, e era uma reportagem muito importante que mostrava essa violência do Bolsonaro contra ela, uma ameaça violenta, né? Uma ameaça violenta que fez, segundo ela, que ela teve que sair do país. ela saiu fugida foi morar na Europa, porque ela tinha medo do Bolsonaro. Então, a partir daí começou essa onda de ataques nas redes sociais e isso eu nunca tinha sofrido. Então, toda essa militância e esses aliados do Bolsonaro, essa plataforma aí de extrema-direita, começou a me atacar, atacar a mim, atacar a minha família e divulgarem uma foto que não era minha.

////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE DISCO VOLTANDO

ISABELLE: E AINDA TEVE ISSO. O HUMORISTA DANILO GENTILI, UM DOS MAIS FERVOROSOS APOIADORES DE BOLSONARO, FEZ UMA PUBLICAÇÃO EM SUA CONTA NO TWITTER EM QUE DIZIA SER PRECISO PESQUISAR QUEM ERA A JORNALISTA QUE ESCREVEU A REPORTAGEM. UM SEGUIDOR COMENTOU PUBLICANDO UMA FOTO DA MARINA DIAS. SÓ QUE A

////SONORA 2 - MARINA

JORNALISTA DA FOTO ERA DE UMA REVISTA DE BELO HORIZONTE E NÃO TINHA NADA A VER COM A REPORTAGEM. O SIMPLES FATO DE TER O MESMO NOME DA REPÓRTER DA FOLHA FEZ COM QUE ELA TIVESSE SEUS DADOS PESSOAIS EXPOSTOS NAS REDES SOCIAIS E RECEBESSE AMEAÇAS.

Marina Dias: e aí a piauí, né? a revista piauí, que tem um trabalho de checagem, fez uma checagem pra ser publicada na própria Folha, e aí foi super esquisito porque eles me ligaram e falaram: “Oi, Marina Dias. você é a marina dias?”. E eu estava na redação. Aí eu fiz: “Sim, sou a Marina Dias”. “Então você não é a Marina Dias de Belo Horizonte?” “não, não sou”. aí ligam pra Marina de Belo Horizonte. eu liguei pessoalmente pra Marina pra pedir desculpas, porque eu não sabia o que fazer. A gente não se conhecia... enfim. Foi um pesadelo, eu fiquei muito abalada, porque foi a primeira vez que eu fui vítima desse método, né? Essa extrema-direita nas redes sociais invadindo tudo. Todas as minhas redes sociais, uma enxurrada de comentários de ódio, ameaça de morte, foi muito difícil. Mas é aquele dia que você dorme muito triste, mas no outro dia você acorda mais forte. Porque você sabe que você tá fazendo o trabalho certo e que você precisa continuar fazendo o trabalho. Eles querem calar a gente e eles não vão.

ISABELLE: E O CASO DA MARINA FOI SÓ MAIS UM DOS VÁRIOS QUE ACONTECERAM AO LONGO DA CAMPANHA PRESIDENCIAL. UM LEVANTAMENTO DO DATAFOLHA MOSTROU QUE BOLSONARO FEZ 129 ATAQUES À IMPRENSA DE JANEIRO A OUTUBRO DE 2018. SÓ

////SOBE SOM

////CAI PARA BG

////SOBE SOM - AMBIENTAÇÃO DE MULTIDÃO NA PRAÇA DOS TRÊS PODERES, EM BRASÍLIA, DURANTE A POSSE DE BOLSONARO COMO PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

////CAI PARA BG

////SOBE SOM - MUDANÇA DE AMBIENTAÇÃO - SALÃO COM ECO E CONVERSAS.

////SONORA 3 - MARINA DIAS

NO ÚLTIMO MÊS DA CAMPANHA FORAM 45 EPISÓDIOS, UM TERÇO DO TOTAL. E DAÍ EU ACHO QUE JÁ DEU PRA VOCÊ PERCEBER QUEM SERIA O INIMIGO NÚMERO 1 DO GOVERNO BOLSONARO.

ISABELLE: DO NADA UM BARULHÃO AQUI, NÉ? EU ESPERO QUE VOCÊ CONSIGA ME OUVIR. MAS Ó, SÓ PRA TE SITUAR, A GENTE TÁ NA PRAÇA DOS TRÊS PODERES, EM BRASÍLIA, NO DIA 1º DE JANEIRO DE 2019. BOLSONARO FOI ELEITO E DAQUI A POUCO VAI SAIR EMPOSSADO, LÁ DO CONGRESSO NACIONAL, COMO PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

E SE AQUI FORA TÁ ACONTECENDO A TAL FESTA DA DEMOCRACIA, LÁ DENTRO DO CONGRESSO NACIONAL OS JORNALISTAS TÃO VENDO QUE O CLIMA TÁ MAIS PRA VELÓRIO.

Marina Dias: *A gente sabia que ia ser diferente a relação, né? Mas foi ali, desde o dia 0 mesmo, que as coisas já foram se mostrando completamente diferentes.*

<p>////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE PASSOS</p> <p>////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE TIRO</p>	<p>ISABELLE: JÁ DURANTE O CREDENCIAMENTO, DIAS ANTES DA POSSE, OS JORNALISTAS FORAM INFORMADOS QUE O ESQUEMA DE SEGURANÇA SERIA BEM DIFERENTE DAS POSSES PRESIDENCIAIS ANTERIORES. POR ISSO, ELES ESTARIAM PROIBIDOS DE CIRCULAR LIVREMENTE ENTRE OS PRINCIPAIS ESPAÇOS: O CONGRESSO NACIONAL, O PALÁCIO DO PLANALTO E O PALÁCIO DO ITAMARATY. OS JORNALISTAS ESTARIAM PROIBIDOS, POR EXEMPLO, DE CIRCULAR LIVREMENTE NO SALÃO NOBRE DO PLANALTO, ONDE O PRESIDENTE EMPOSSA O NOVO MINISTÉRIO E É CUMPRIMENTADO PELAS AUTORIDADES ESTRANGEIRAS. E DETALHE: NO PLANALTO, SÓ SERIA PERMITIDO UM JORNALISTA DE CADA VEÍCULO.</p> <p>A POSSE NO CONGRESSO TAVA MARCADA PRAS TRÊS DA TARDE, MAS OS JORNALISTAS TERIAM QUE ESTAR NO CENTRO CULTURAL DO BANCO DO BRASIL, ÀS SETE DA MANHÃ. DE LÁ, TREZE ÔNIBUS DO GOVERNO SAIRIAM ÀS OITO E LEVARIAM CADA UM PRA SEUS RESPECTIVOS LUGARES DE COBERTURA. QUANDO CHEGASSEM, ELES PRECISARIAM ESPERAR A POSSE COMEÇAR, SEM FAZER NADA, POR SEIS HÓRAS. E É NADA MESMO. OS ORGANIZADORES DIZIAM QUE QUALQUER MOVIMENTO SUSPEITO, UM PASSO FORA DA LINHA, SERIA MOTIVO PRA SER ATINGIDO POR UM SNIPER.</p> <p>ISABELLE: E PARA POR AÍ? É CLARO QUE NÃO. COMO DIRIA O</p>
---	--

////SONORA - BOLSONARO

PRÓPRIO BOLSONARO ANOS MAIS TARDE:

Bolsonaro: Nada está tão ruim que não possa piorar.

ISABELLE: OS JORNALISTAS TINHAM QUE LEVAR OS LANCHES EM SAQUINHOS TRANSPARENTES, PORQUE NÃO TERIAM ACESSO À COMIDA. AS FRUTAS, POR EXEMPLO, TINHA QUE SER CORTADAS EM PEDACINHOS, PORQUE HAVIA O RECEIO DE QUE ELAS FOSSEM ARREMESSADAS NO PRESIDENTE. SÓ QUE NA HORA DA REVISTA FOI BEM DIFERENTE. VÁRIOS JORNALISTAS TIVERAM SEUS KITS DE SOBREVIVÊNCIA JOGADOS NO LIXO PELOS SEGURANÇAS DO GOVERNO.

////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE LATA DE LIXO SENDO ABERTA E FECHADA

QUEM FOSSE COBRIR A POSSE TAMBÉM ESTARIA PROIBIDO DE LEVAR GARRAFA D'ÁGUA. FOI INFORMADO QUE O ACESSO A ÁGUA ESTARIA LIBERADO. MAS NÃO FOI O QUE ACONTECEU. NO CONGRESSO NACIONAL, SÓ DEPOIS DE MUITA BRIGA FOI LIBERADO UM BEBEDOURO PRA TODOS OS PROFISSIONAIS. A JORNALISTA SIMONE KAFRUNI, DO CORREIO BRAZILIENSE, CHEGOU A GRAVAR UM VÍDEO NAS REDES SOCIAIS PRA MOSTRAR A SITUAÇÃO.

////SONORA - SIMONE KAFRUNI

Áudio da Simone Kafruni durante a posse.

ISABELLE: E EU NÃO SEI SE VOCÊ NOTOU, MAS NO FINALZINHO A SIMONE DIZ QUE NÃO É NADA

CONFORTÁVEL SENTAR NO MÁRMORE GELADO. É PORQUE ALÉM DE TER QUE ENFRENTAR UMA JORNADA DE TRABALHO LONGUÍSSIMA, SEM COMIDA E SEM ÁGUA, NÃO TINHA NEM CADEIRA PRA SENTAR. OU VOCÊ SENTAVA NO CHÃO, OU ESPERAVA SEIS HORAS EM PÉ.

NESSE CENÁRIO HUMILHANTE, JORNALISTAS ESTRANGEIROS SE RECUSARAM A ESPERAR POR SETE HORAS PRA COBRIR A RECEPÇÃO ÀS AUTORIDADES ESTRANGEIRAS NO ITAMARATY, MARCADA PRAS SETE DA NOITE, E FORAM EMBORA. MAS CLARO, NUM ÔNIBUS DO GOVERNO. LEMBRA QUE CIRCULAR LIVREMENTE NA ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS ERA PEDIR PRA MORRER.

////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE TIRO.

ISABELLE: A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, ABRAJI, UMA DAS PRINCIPAIS ENTIDADES DE CLASSE DOS JORNALISTAS NO PAÍS, CHEGOU A DIVULGAR UMA NOTA REPUDIANDO A SITUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA.

////EM BG - EFEITO DE MÁQUINA DE ESCREVER ENQUANTO ACONTECE A LEITURA DO TRECHO

GABRIEL: “UM GOVERNO QUE RESTRINGE O TRABALHO DA IMPRENSA IGNORA A OBRIGAÇÃO CONSTITUCIONAL DE SER TRANSPARENTE. OS BRASILEIROS RECEBERÃO MENOS INFORMAÇÕES SOBRE A POSSE PRESIDENCIAL POR CAUSA DAS LIMITAÇÕES IMPOSTAS À CIRCULAÇÃO DE JORNALISTAS EM BRASÍLIA. CONFINADOS DESDE AS 7H, ALGUNS COM ACESSO LIMITADO A ÁGUA E A BANHEIROS, ELES NÃO

**////EM BG - EFEITO DE MÁQUINA DE
ESCREVER ENQUANTO ACONTECE
A LEITURA DO TRECHO**

PUDERAM INTERAGIR COM
AUTORIDADES E FONTES, ALGO
CORRIQUEIRO EM TODAS AS
CERIMÔNIAS DE INÍCIO DE
GOVERNO DESDE A
REDEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS.”

ISABELLE: ASSIM COMO VÁRIOS
JORNALISTAS FIZERAM NAS REDES
SOCIAIS, A MÔNICA BERGAMO
DENUNCIOU O CASO NA COLUNA
DELA NA FOLHA DE S. PAULO. ELA
DESCREVE AS SITUAÇÕES COM
RIQUEZA DE DETALHES NO TEXTO
INTITULADO “UM DIA DE CÃO”, QUE
TERMINA ASSIM:

GABRIEL: “JORNALISTAS COM
LARGA EXPERIÊNCIA EM
COBERTURAS POLÍTICAS
PROGNOSTICAVAM: ESSA POSTURA
DO GOVERNO DURARÁ POUCO. ATÉ
A PRIMEIRA CRISE.”

ISABELLE: SÓ QUE NÃO IA SER BEM
ASSIM.

BOLSONARO É O PRIMEIRO
PRESIDENTE A DRIBLAR A
IMPrensa. AS POUcas
ENTREVISTAS QUE DÁ SÃO PROS
VEÍCULOS QUE O APOIAM, COMO A
RÁDIO JOVEM PAN E OUTRAS
EMISSORAS DE RÁDIO DO INTERIOR
DO BRASIL. SE TEM UMA CRISE NO
GOVERNO, O PRESIDENTE PODE
COMENTAR A RESPEITO DELA NAS
TRADICIONAIS LIVES DAS NOITES
DE QUINTA-FEIRA OU NO SEU
PERFIL NO TWITTER, QUE ALIÁS
VIROU UMA ESPÉCIE DE DIÁRIO
OFICIAL DA UNIÃO INFORMAL. FOI
LÁ, POR EXEMPLO, QUE A
POPULAÇÃO FICOU SABENDO DA
DEMISSÃO DE ALGUNS MINISTROS.

MAS OS JORNALISTAS

<p>////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE FOGO</p> <p>////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE GRADES DE FERRO SENDO DESLOCADAS</p> <p>////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE CARRO PASSANDO</p> <p>////SONORA - ÁUDIO DE APOIADORES GRITANDO NO CERCADINHO</p>	<p>PERCEBERAM QUE NA PORTA DO PALÁCIO DA ALVORADA, A RESIDÊNCIA OFICIAL DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, SEMPRE FICAM ALGUNS APOIADORES TENTANDO DAR UMA PALAVRINHA OU TIRAR UMA SELFIE COM BOLSONARO, QUE DÁ ATENÇÃO NO COMEÇO OU NO FINAL DO DIA. ENTÃO, OS REPÓRTERES ENTENDERAM QUE SE QUISESSEM TER ALGUMA DECLARAÇÃO DO PRESIDENTE, PRECISARIAM IR ATÉ A PORTA DO ALVORADA, O QUE VIROU UM TRABALHO HEROICO. IMAGINA A CENA: VOCÊ FICA DEBAIXO DO SOL QUENTE DE BRASÍLIA, QUE TORRA SUA CABEÇA;</p> <p>ISABELLE: ATRÁS DE UMA GRADE,</p> <p>ISABELLE: COMO SE A QUALQUER MOMENTO VOCÊ PUDESSE ATACAR ALGUÉM E POR ISSO PRECISA FICAR PRESO NUM CERCADINHO; ESPERAR O PRESIDENTE SAIR OU CHEGAR NO ALVORADA;</p> <p>ISABELLE: E A UMA GRADE DE DISTÂNCIA, EMBAIXO DA ÚNICA SOMBRA QUE TEM NO LUGAR, FICAM APOIADORES ESCANDALOSOS TE XINGANDO O TEMPO TODO E ATÉ QUERENDO TE BATER;</p> <p>Áudio de apoiadores gritando no cercadinho</p> <p>ISABELLE: PRO BOLSONARO CHEGAR, E AINDA MANDAR UMA DESSA:</p>
--	---

////SONORA - BOLSONARO MANDA REPÓRTER CALAR A BOCA

Bolsonaro manda repórter calar a boca.

ISABELLE: ISSO QUANDO ELE NÃO TERCEIRIZA O ATAQUE, INCITANDO OS APOIADORES OU LEVANDO UM IMITADOR PRA DAR BANANA PRA IMPRENSA, COMO ELE FEZ COM O HUMORISTA MÁRVIO LÚCIO, MAIS CONHECIDO COMO CARIOCA.

////SONORA - ÁUDIO DO CARIOCA DANDO BANANA PRA IMPRENSA

Áudio do Carioca dando banana pra imprensa.

ISABELLE: SE VOCÊ CONSEGUIU SE IMAGINAR NO LUGAR DOS REPÓRTERES, EU TENHO CERTEZA QUE OU BATEU UM CANSAÇO FORTE OU UMA GRANDE PREOCUPAÇÃO COM SUA SAÚDE E SEGURANÇA, NÉ? ANTES QUE A COISA SE AGRAVASSE AINDA MAIS, O QUE NÃO IA DEMORAR MUITO, VÁRIOS VEÍCULOS JORNALÍSTICOS DO PAÍS COMO A FOLHA DE S. PAULO, O GLOBO E CORREIO BRAZILIENSE DECIDIRAM PARAR DE PERGUNTAR A BOLSONARO SOBRE A ÚLTIMA CRISE DO GOVERNO, COMO VAI A ECONOMIA E OUTROS ASSUNTOS, E RETIRARAM SEUS REPÓRTERES DO CERCADINHO.

E É ESTRANHO PENSAR QUE NESSE MESMO PALÁCIO DA ALVORADA, HÁ ALGUNS ANOS ANTES, A SITUAÇÃO ERA BEM DIFERENTE. ESCUTA SÓ COMO FOI A ENTÃO PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF RECEBENDO REPÓRTERES DO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, O ESTADÃO.

////SONORA - DILMA COM

Dilma com repórteres do Estadão no Alvorada.

REPÓRTERES DO ESTADÃO

ISABELLE: O ESTADÃO SEMPRE TEVE POSIÇÕES BASTANTE CRÍTICAS AOS GOVERNOS PETISTAS, MAS ISSO NÃO IMPEDIU QUE A DILMA CONCEDESSE ENTREVISTAS AO JORNAL. ISSO QUER DIZER QUE ESSA RELAÇÃO ERA UM MAR DE ROSAS? NÃO. A PRESIDENTE TAMBÉM SE INCOMODAVA COM A IMPRENSA, IGUAL AOS OUTROS PRESIDENTES ANTES DELA, COMO LEMBRA A MARINA DIAS.

////SONORA 4 - MARINA

Marina Dias: O jornalismo é um fiscalizador do poder e precisa ser. Então, o jornalismo sempre esteve aí fiscalizando todos os governos. não começou no governo Bolsonaro. Então, os jornalistas... eu trabalho na Folha de S. Paulo há oito anos, então, quando eu entrei era o governo da Dilma, depois o governo do Temer, agora o governo do Bolsonaro. A Folha de S. Paulo não parou de fiscalizar, né? Os governos mudaram, mas a Folha de S. Paulo, não. Nós continuamos fazendo o mesmo trabalho de sempre. E antes da Dilma, do Lula; antes do Lula, do Fernando Henrique; e assim por diante, né? Então, todo mundo que começa a se incomodar, que tá no poder e começa a se incomodar, essas pessoas fazem críticas ao jornalismo e isso sempre existiu.

ISABELLE: POR EXEMPLO: NO COMEÇO DE SEU PRIMEIRO MANDATO, EM FEVEREIRO DE 1995, O PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO DEU UMA AULA EM SANTA MARIA DA VITÓRIA, NO INTERIOR DA BAHIA, COMO PARTE DE UMA CAMPANHA EDUCACIONAL. E ENTRE UM COMENTÁRIO E OUTRO, ELE FALOU ISSO AQUI:

////SONORA FHC

Trecho em que FHC diz que teve dificuldade de dar aula.

ISABELLE: OS JORNAIS DESTACARAM O COMENTÁRIO DO PRESIDENTE, E ELE, EM UMA DAS VÁRIAS GRAVAÇÕES PARTICULARES QUE FEZ RELATANDO O DIA A DIA DO GOVERNO AO LONGO DE SEUS MANDATOS, OS FAMOSOS “DIÁRIOS DA PRESIDÊNCIA”, RECLAMOU DESSE EPISÓDIO:

////SOBE SOM - EFEITO DE MÁQUINA DE ESCREVER ENQUANTO ACONTECE A LEITURA DO TRECHO

GABRIEL: “DEMOS UMA AULA NO INTERIOR DA BAHIA, EM SANTA MARIA DA VITÓRIA, FOI TUDO NORMAL. EU DISSE QUE TIVE DIFICULDADE DE DAR AULA, PARA MOSTRAR QUE SER PROFESSOR PRIMÁRIO É DIFÍCIL. CLARO QUE A IMPRENSA IMEDIATAMENTE AFIRMOU QUE FUI MAL NA AULA. DISSE QUE DAVA NOTA 7 A MIM MESMO, VOU DIZER O QUÊ? QUE DOU 10? O PRIMITIVISMO É MUITO GRANDE.”

ISABELLE: E EM 96, NA ONDA DA CRISE DO BANCO NACIONAL, UM DOS MAIORES ESCÂNDALOS FINANCEIROS DA HISTÓRIA DO PAÍS, FERNANDO HENRIQUE, AINDA NOS DIÁRIOS, FAZ UMA CRÍTICA À FORMA COMO A FOLHA DE S. PAULO TAVA COBRINDO O CASO. A MANCHETE DO JORNAL NO DIA 15 DE JULHO DE 1996 DIZIA QUE “FHC PODERIA DEPOR SOBRE O NACIONAL”. E QUANDO VOCÊ VAI LER A NOTÍCIA, ELE REALMENTE PODERIA DEPOR, MAS A RESPEITO DO PERÍODO EM QUE ELE FOI MINISTRO DA FAZENDA NO

////SOBE SOM - EFEITO DE MÁQUINA DE ESCREVER ENQUANTO ACONTECE A LEITURA DO TRECHO

GOVERNO ITAMAR FRANCO. E O DIÁRIO MOSTRA QUE FH FICOU BEM IRRITADO COM A SITUAÇÃO.

GABRIEL: “É MERA EXPLORAÇÃO. COMO MINISTRO DA FAZENDA NA ÉPOCA, EU NÃO TINHA A MENOR IDEIA DO QUE OCORRIA, COMO NINGUÉM TINHA. ENTRETANTO, O PROCURADOR DE MINAS, NATURALMENTE PARA SE EXIBIR, BOTOU OS MINISTROS TODOS NA DANÇA PARA PODER ME INCLUIR. A FOLHA JÁ PUXA COMO SE EU TIVESSE ALGUMA COISA A VER. É UMA SACANAGEM ATRÁS DA OUTRA. REALMENTE, É INACREDITÁVEL O QUE A FOLHA FAZ.

ISABELLE: E AO QUE TUDO INDICA, A IRRITAÇÃO TAVA ACUMULADA.

////SOBE SOM - EFEITO DE MÁQUINA DE ESCREVER ENQUANTO ACONTECE A LEITURA DO TRECHO

GABRIEL: “ELA DIZ QUE ‘FH, O GOVERNO FH, GASTA MENOS EM HABITAÇÃO QUE OS OUTROS’. É MENTIRA. ESTAMOS RECOMPONDO OS FUNDOS DE HABITAÇÃO, ELES SABEM, ALIÁS NO TEXTO ELES DIZEM ISSO, MAS É UMA PERMANENTE CAMPANHA DE DESMORALIZAÇÃO DO GOVERNO E DO PRESIDENTE, COM QUE OBJETIVO, EU NÃO SEI. É DESTRUIÇÃO PELA DESTRUIÇÃO, UMA FASE DIFÍCIL DA VIDA BRASILEIRA. EU TENHO TIDO PACIÊNCIA, NÃO FICO DENUNCIANDO ESSAS COISAS NEM RECLAMANDO, MAS É DIFÍCIL MANTER A DEMOCRACIA E MANTER A DECÊNCIA COM UMA IMPRENSA TÃO DESGARRADA.”

ISABELLE: E A IMPRENSA SE MANTEVE “DESGARRADA” DEPOIS, NO GOVERNO LULA. EM JANEIRO DE 2009, NUM DISCURSO DURANTE UM ENCONTRO COM

////SONORA LULA

PARTICIPANTES DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, EM BELÉM, NO PARÁ, LULA CRITICOU A FORMA COMO A IMPRENSA COBRIU O ESCÂNDALO DO MENSALÃO, EM 2005. NAS PALAVRAS DELE, SETORES DA IMPRENSA...

Lula: ...muitas vezes criticam de forma exagerada e irresponsável as coisas que se fala e as coisas que se diz. Eu tenho dito para todos eles: paciência. A palavra-chave é a gente ter paciência para construir as coisas que nós temos que construir. Aqui no Brasil, Chávez, em 2005, fizeram uma campanha contra mim, pior do que a campanha que faziam contra você na Venezuela. Eu vi e vivi a campanha que se fazia contra o Chávez. Eu nunca imaginei que no Brasil pudessem fazer igual. e, em 2005, eu fui vítima da mesma campanha.

ISABELLE: AH, ESSE CHAVES NÃO É O PERSONAGEM IMORTALIZADO PELO MEXICANO ROBERTO BOLAÑOS, TÁ? ESSE QUE O LULA MENCIONA O TEMPO TODO É O HUGO CHÁVEZ, PRESIDENTE DA VENEZUELA. E COM A INTERNET, A FORMA DE CRITICAR A IMPRENSA TAMBÉM MUDOU NOS GOVERNOS PETISTAS. QUEM FALA SOBRE ISSO É A COLUNISTA DO JORNAL O GLOBO E COMENTARISTA DA RÁDIO CBN E DA GLOBO NEWS, MIRIAM LEITÃO.

////SONORA 1 - MIRIAM LEITÃO

Miriam Leitão: No caso do governo do PT, teve muito essa alimentação dos blogueiros que apoiavam o governo e que gastavam parte do tempo atacando os outros jornalistas. Eu sei porque eu fui alvo muito desses blogueiros petistas e eles me atacavam, e eu nunca respondi. E eu nunca respondi vou te

dizer por que. Porque eu não faço jornalismo para os outros jornalistas, eu faço jornalismo para o meu público. Então se um jornalista não gosta do meu trabalho, ok, tem direito, mas ocupar o meu espaço jornalístico rebatendo, “ah eu não sou isso, eu não sou aquilo, eu não sou isso que você tá dizendo”, é uma bobagem, porque eu acho que se foge do seu interesse principal que é prestar informações pra quem te ouve, te lê, te vê, navega nas suas redes e enfim, esse mundo cheio de janelas que é o mundo da comunicação atual.

ISABELLE: ACHO QUE JÁ DEU PRA ENTENDER QUE A RELAÇÃO ENTRE JORNALISTAS E GOVERNANTES SEMPRE FOI TENSA E SEMPRE SERÁ, PORQUE A FUNÇÃO DA IMPRENSA NUMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA É FISCALIZAR OS PODEROSOS E ÓBVIO QUE ELES NÃO VÃO GOSTAR DESSA VIGILÂNCIA O TEMPO TODO. MAS QUAL A DIFERENÇA DO BOLSONARO PROS OUTROS?

////SONORA 2 - MIRIAM LEITÃO

Miriam Leitão: A diferença é que governante é democrático, que governante não é democrático. o PT no governo respeitou as regras do jogo democrático, ainda que fizesse críticas, ainda que fizesse ataques, ainda que tivesse blogueiros que eram financiados inclusive por anúncios de estatais e que cujo objetivo era ficar, era ficar tentando tirar credibilidade dos jornalistas que discordavam do governo. O presidente Bolsonaro é contra a democracia. E desde o dia 1 até, desde antes do dia 1, desde a entrada dele na vida pública, ele quer destruir o nosso pacto social. Porque nós fizemos um pacto, em 88, na constituição, que é o seguinte: nós

////SOBE SOM

////CAI PARA BG

vamos divergir, mas dentro desse arcabouço aqui. Ele é contra o arcabouço. então quando algumas pessoas dizem “temos que fugir dos dois extremos”, não existem dois extremistas. existe um extremista, de direita, que chama Jair Bolsonaro.

Marina Dias: Todos os governos houve tensão entre o governo e a imprensa, às vezes mais, às vezes menos, mas sempre houve essa tensão, porque o jornalismo questiona, fiscaliza, expõe fraquezas, expõe contradições e quem tá no poder não gosta disso. Agora, com o governo Jair Bolsonaro isso foi para outro patamar, porque isso se institucionalizou. Então, não é apenas a militância, alguns eleitores, alguns grupos. É o Palácio do Planalto, é o presidente da República, são os ministros que estão em Brasília. Essas pessoas estão criminalizando a imprensa, atacando jornalistas diretamente, pessoalmente, tentando deslegitimar a imprensa. Então isso foi pra outro patamar no governo Bolsonaro, com a extrema direita com um método específico de ação nas redes sociais, espalhando fake news, espalhando boatos, espalhando ataques que tentam fazer essa deslegitimação da imprensa, mas isso também, principalmente, está institucionalizado na figura do presidente e dentro do Palácio do Planalto. Então, pra mim foi esse o pulo, né? Aí que subiu de patamar. é por isso que a gente tá onde a gente tá hoje, porque esse descrédito, essa tentativa de deslegitimação da imprensa é um método, né? E é um método da presidência da República do Brasil.

<p>////SOBE SOM - TRILHA BASE</p>	<p>DESENVOLVIDO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL-JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA E FOI GRAVADO NO ESTÚDIO DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA, EM VIÇOSA.</p> <p>EU SOU ISABELLE BRACONNOT E APRESENTO O PODCAST. PESQUISA, PRODUÇÃO, ROTEIRO E EDIÇÃO SÃO OBRA DO GABRIEL MÁXIMO. A TRILHA ORIGINAL FOI COMPOSTA PELO CAIO FERREIRA. A ORIENTAÇÃO É DO PROFESSOR RENNAN MAFRA.</p> <p>ESTE EPISÓDIO USOU ÁUDIOS DE TV GLOBO, NOTAS TAQUIGRÁFICAS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, REDETV, SIMONE KAFRUNI, CANAL DO ESTADÃO NO YOUTUBE, FUNDAÇÃO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO E BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.</p> <p>PRA ESTE EPISÓDIO, AGRADECEMOS A AJUDA DE FLÁVIA MANTOVANI, RAYZA SARMENTO, MARINA DIAS E MIRIAM LEITÃO. OBRIGADA E ATÉ O PRÓXIMO!</p>
--	---

<p>Eles não vão nos calar Episódio 2</p>	<p>Apresentação: Bárbara Pinheiro</p>	<p>Roteiro: Gabriel Máximo</p>
---	--	---

<p>////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE GRAVADOR COMEÇANDO A RODAR</p>	<p>BÁRBARA: ERRAR É HUMANO. VOCÊ AÍ, QUE TÁ ME OUVINDO</p>
--	---

////SOBE SOM - ÁUDIO DANIELA LIMA NA CNN

AGORA, JÁ DEVE TER COMETIDO VÁRIOS ERROS AO LONGO DE SUA VIDA, NÉ MESMO? E TÁ TUDO BEM, TÁ TUDO CERTO. AGORA VAMOS PENSAR NUMA OUTRA COISA: O JORNALISMO É FEITO POR SERES HUMANOS. ENTÃO, NATURALMENTE ALGUNS ERROS PODEM ACONTECER. POR EXEMPLO, ESSE ERRINHO BOBO DA DANIELA LIMA, ÂNCORA DA CNN BRASIL, AO FAZER UMA CHAMADA PRAS NOTÍCIAS DO PRÓXIMO BLOCO DO CNN 360, NO DIA 28 DE MAIO DE 2021.

Daniela Lima: Não saia daí porque agora, infelizmente, a gente vai falar de notícia boa, mas com valores não tão expressivos. Mercado de trabalho formal registrou um saldo positivo em abril, mês passado, criação de mais de 120 mil empregos com carteira assinada. Esse dado é do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, o Caged. Foi divulgado hoje pelo Ministério da Economia. Vem pra cá com reportagem, João Venturi.

BÁRBARA: DÁ PRA ENTENDER QUE ELA NÃO QUERIA DIZER QUE ERA UMA INFELICIDADE TER QUE DAR UMA NOTÍCIA BOA SOBRE A ECONOMIA DO PAÍS. UMA PALAVRA MAL COLOCADA NA FRASE, MAS QUE NÃO ERA NADA DEMAIS. SÓ QUE BASTOU APENAS ISSO PRA QUE BOLSONARISTAS RETIRASSEM A FRASE DE CONTEXTO E PROMOVESSEM UMA CAMPANHA DE ÓDIO CONTRA A DANIELA NAS REDES SOCIAIS. E AÍ, NUMA DE SUAS INTERAÇÕES COM SEUS

**////SOBE SOM - ÁUDIO DE
BOLSONARO NO CERCADINHO**

APOIADORES NO CERCADINHO, NO DIA PRIMEIRO DE JUNHO, O PRESIDENTE BOLSONARO DISSE ISSO AQUI.

Apoiadora: E o pior é que vai ter apresentadora de telejornal que vai dizer “infelizmente o Brasil conquistou 4% do PIB”.

Bolsonaro: Infelizmente somos obrigados a dar uma boa notícia, mas não é tão boa assim não. É uma... é uma... é uma quadrúpede. Afinal de contas eu acho que não precisa de quem ela foi eleitora no passado. De outra, do mesmo gênero.

BÁRBARA: COMO VOCÊ OUVIU, O INSULTO NÃO FICOU RESTRITO APENAS À JORNALISTA DA CNN BRASIL. OUTRA MULHER, A EX-PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF, TAMBÉM FOI ALVO DO ATAQUE. A SITUAÇÃO FEZ COM QUE, NO DIA SEGUINTE, MEMBROS DA CPI DA PANDEMIA DEFENDESSEM DANIELA EM PLENÁRIO. A SENADORA ELIZIANE GAMA FOI UMA DAS QUE SE SOLIDARIZARAM.

**////SOBE SOM - ÁUDIO DE ELIZIANE
GAMA NA CPI**

Eliziane Gama: Presidente, eu queria só fazer o registro também da solidariedade à jornalista Daniela, registrando que a posição e a fala do Presidente da República em relação à jornalista é uma fala contra a democracia brasileira, contra a imprensa brasileira. Infelizmente, o nosso Brasil, na posição no quesito liberdade de imprensa no mundo, está na posição 107, ou seja, estamos muito longe, infelizmente,

////SOBE SOM
 ////CAI PARA BG

do primeiro lugar. Então, a minha solidariedade. Nós tivemos, apenas em 2020, por parte do Presidente da República, 428 ataques a jornalistas. E é bom lembrar que uma boa parte desses ataques, infelizmente, foram às mulheres jornalistas. Então, a minha solidariedade à jornalista e a todos os jornalistas do Brasil, Presidente.

BÁRBARA: NESTE EPISÓDIO, A GENTE VAI FALAR SOBRE MISOGINIA, MULHERES NAS REDAÇÕES E COMO OS ATAQUES À IMPRENSA SÃO AINDA PIORES QUANDO O ALVO É UMA MULHER. E AH, ANTES QUE EU ME ESQUEÇA, MEU NOME É BÁRBARA PINHEIRO E AUMENTA O VOLUME, PORQUE PODEM TENTAR, MAS ELES NÃO VÃO NOS CALAR.

////SOBE SOM

BÁRBARA: VOCÊ DEVE TÁ SE PERGUNTANDO: POR QUE FAZER UM EPISÓDIO FOCADO SÓ NAS MULHERES JORNALISTAS? BOM, PRA RESPONDER ESSA PERGUNTA VAMOS AOS NÚMEROS. O MAIOR LEVANTAMENTO SOBRE O PERFIL DO JORNALISMO NO BRASIL MOSTROU QUE NÓS SOMOS MAIORIA. NA PESQUISA “QUEM É O JORNALISTA BRASILEIRO?”, DE 2013, UMA PARCERIA DA FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, A FENAJ, E A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 64% DOS PROFISSIONAIS DA IMPRENSA SÃO MULHERES. UMA MAIORIA AMPLA.

////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE APLAUSOS

BÁRBARA: E NA PESQUISA “MULHERES NO JORNALISMO BRASILEIRO”, FEITA EM 2017 PELA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, A ABRAJI, E A ORGANIZAÇÃO GÊNERO E NÚMERO, NOS CARGOS DE EDITORIA, A GENTE PASSA UM POUQUINHO OS HOMENS. SÃO 49,5% DE MULHERES EDITORAS, CONTRA 44% DE HOMENS. ISSO REPRESENTA QUE A GENTE TÁ CHEGANDO EM CARGOS MAIS ALTOS NAS REDAÇÕES.

////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE APLAUSOS

BÁRBARA: PARECE ATÉ QUE A SITUAÇÃO TÁ ÓTIMA, NÉ? MAS EU SINTO EM TE INFORMAR QUE NÃO TÁ.

////SOBE SOM - EFEITO SONORO DE DESAPONTAMENTO

MESMO COM ESSES DADOS ANIMADORES, O NOSSO TRABALHO AINDA É CERCADO DE MACHISMO E MISOGINIA. A MESMA PESQUISA MOSTROU TAMBÉM QUE 73% DAS JORNALISTAS JÁ OUVIRAM COMENTÁRIOS OU PIADAS DE NATUREZA SEXUAL SOBRE UMA MULHER OU MULHERES NO SEU AMBIENTE DE TRABALHO. A MIRIAM LEITÃO, POR EXEMPLO, FALA COMO ERA ENFRENTAR ESSE TIPO DE SITUAÇÃO NO COMEÇO DA CARREIRA.

////SONORA MIRIAM LEITÃO

Miriam Leitão: Eu vim de um mundo em que se você fosse assediada,

você fazia de conta que não tava entendendo, você tinha que se esgueirar e sair, porque, do contrário, ninguém concordaria com você. “Ah, qual o problema?”, “Ah ele te acha bonita”. Entendeu? Essa ideia que se tem hoje muito clara de que isso é agressão, de que isso é um constrangimento ilegal, né? Ou as frases machistas que querem descaracterizar, falar que você não vai adiante. Eu ouvi ao longo da minha vida todas as frases, eu tenho uma coleção das agressões. E eu permaneci. Permaneci sem desistir, sabe? Então, ouvi frases machistas: “Essa aí é uma mulher disponível”, “Ah, o problema dela é que ela usa saia”. São várias coisas que falam “você não vai conseguir”. O conjunto da obra, não interessa nem as palavras especificamente, mas o conjunto da obra é que os homens nas redações diziam ou por pretensos elogios, ou por vetos, que você não atingiria o seu projeto. Você não realizaria o seu projeto.

BÁRBARA: OU SEJA, O SIMPLES FATO DE SER MULHER INFLUENCIA EM COMO VAI SER SUA CARREIRA. PODE SER NA DETERMINAÇÃO DE SALÁRIOS, NAS OPORTUNIDADES DE PROGREDIR NO EMPREGO E ATÉ NA DIVISÃO DE TAREFAS ENTRE OS PROFISSIONAIS. NA PESQUISA DA ABRAJI COM A GÊNERO E NÚMERO, OUTRO DADO IMPRESSIONANTE É QUE POUCO MAIS DE 86% DAS JORNALISTAS ENTREVISTADAS DISSERAM JÁ TER PASSADO POR PELO MENOS UMA SITUAÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO DE

////SONORA MIRIAM LEITÃO

GÊNERO NO TRABALHO. E QUANDO VOCÊ NÃO ACEITA, BOM...

Miriam Leitão: Eu fui demitida uma vez por assédio sexual. Eu custei muito a falar sobre isso também. Eu falei sobre isso num programa, dentro d'O Globo, que era um programa interno nosso, e não foi n'O Globo que aconteceu. Aliás, o jornal O Globo me convidou logo depois pra ir pra lá e eu não sabia qual era o motivo da minha demissão, mas eu fui demitida por assédio sexual. E, então, eu sei que o chão é duro porque eu já caí várias vezes. Então, é como se refazer após isso aí.

BÁRBARA: E ESSAS COISAS NÃO FICAM RESTRITAS ÀS REDAÇÕES. SE VOCÊ É MULHER E VAI COBRIR O CONGRESSO NACIONAL, POR EXEMPLO, PODE SE PREPARAR PRA RECEBER INDIRETAS. É O QUE CONTA A JULIA CHAIB, REPÓRTER DA FOLHA DE S. PAULO EM BRASÍLIA.

////SONORA JULIA CHAIB

Julia Chaib: Pra mim o fato de ser mulher e jornalista é impactado na medida em que a gente sofre muito assédio. No Congresso sempre precisa manter um... existe uma linha muito tênue ali entre o que é assédio e o que não é, entendeu? Porque sempre tem uma indireta de parlamentar. Não, e tem gente que não dá nem indireta. Tem gente que dá direta mesmo. Eu tenho uma amiga, por exemplo, que falou: "Ah, eu tava passando férias na praia", aí

**////EM BG - EFEITO DE MÁQUINA DE
ESCREVER ENQUANTO ACONTECE
A LEITURA DO TRECHO**

o parlamentar falou: “Me manda uma foto sua de biquini”.

BÁRBARA: A PARTIR DE 2019, COM BOLSONARO NO PODER, AS COISAS PIORARAM AINDA MAIS. AS PRINCIPAIS REPORTAGENS DENUNCIANDO PROBLEMAS, CONTRADIÇÕES E ESCÂNDALOS DO GOVERNO TÊM SIDO FEITAS POR MULHERES. SÓ QUE ISSO VEM ACOMPANHADO DE ATAQUES CONSTANTES DO PRESIDENTE E SEUS APOIADORES, COMO CITA A ORGANIZAÇÃO REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS, NO RANKING DA LIBERDADE DE IMPRENSA, EM 2021.

GABRIEL: O AUMENTO DAS CAMPANHAS ON-LINE DE DIFAMAÇÃO, INTIMIDAÇÃO E ASSÉDIO CONTRA JORNALISTAS, SEJAM ELAS PROMOVIDAS POR FIGURAS PÚBLICAS OU GABINETES OCULTOS, TAMBÉM É UMA TENDÊNCIA FORTE NA REGIÃO, SOBRETUDO NA COLÔMBIA E NO BRASIL. E OS PRINCIPAIS ALVOS DESSES ATAQUES COORDENADOS GERALMENTE SÃO MULHERES JORNALISTAS.

BÁRBARA: UM DESSES CASOS ACONTECEU EM 2019, COM A MARINA DIAS, CORRESPONDENTE DA FOLHA NOS ESTADOS UNIDOS. O GOVERNO TAVA FAZENDO CORTES NO ORÇAMENTO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, O QUE GEROU ALGUNS PROTESTOS NO PAÍS. E AÍ, DURANTE UMA VIAGEM A DALLAS, NO TEXAS, NUMA RARA INTERAÇÃO COM REPÓRTERES, BOLSONARO

////SONORA MARINA DIAS

////SOBE SOM - ÁUDIO DO BOLSONARO NOS ESTADOS UNIDOS

////SONORA MARINA DIAS

////SOBE SOM - ÁUDIO DO BOLSONARO NOS ESTADOS UNIDOS

COMENTOU O FATO DE QUE NENHUMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA ESTAVA ENTRE AS 250 MELHORES DO MUNDO.

Marina Dias: E aí eu perguntei pra ele se ele achava que cortar verba da educação era uma maneira de então levar uma das universidades brasileiras a esse ranking. E ele ficou muito nervoso. E quando ele fica nervoso, ele fica na defensiva, acuado, ele ataca.

Bolsonaro: Corte de verbas, você tem que entender, não é a maldade de ninguém. Não tem dinheiro. Então o contingenciamento, que é a palavra certa, foi num pequeno percentual nas despesas discricionárias...

Marina Dias: Contingenciamento é corte, presidente.

Apoiador: Não, contingenciamento é suspensão do gasto.

Bolsonaro: Tá aqui um especialista em orçamento. Fala aí.

Apoiador: Contingenciamento é suspensão do gasto durante a...

Bolsonaro: O período.

Apoiador: Até a receita ser confirmada.

Marina Dias: Aí ele perguntou se eu era da Folha, que é sempre o mesmo método, né? Pergunta de onde você é, deslegitima o lugar que você trabalha.

Bolsonaro: Você é da Folha?

Marina Dias: Eu sou da Folha.

Bolsonaro: Tá vendo? Aprendeu a Folha de S. Paulo? Primeiro, você da Folha de S. Paulo, tem que entrar de

////SONORA MARINA DIAS

novo numa faculdade que presta e fazer um bom jornalismo. Isso é o que a Folha tem que fazer, e não contratar qualquer uma ou qualquer um pra ser jornalista. Pra ficar semeando a discórdia e ouvindo besteira... perguntando besteira por aí, publicando coisas nojentas.

Marina Dias: Eu ouvi o que ele tinha pra falar, mantive a minha pergunta, os apoiadores e assessores que tão em volta ficam filmando, ficam gritando como uma torcida, isso pra tentar intimidar a gente, né? E aí eu lembro que no fim ele falou: “E aí você não vai querer debater?”, e eu disse: “Não, eu não quero debater, presidente. Tô fazendo uma pergunta, o senhor responde ou não”. E aí ele se irritou, ele encerrou a coletiva e foi embora. É uma hora difícil, é uma hora de tensão, mas é uma hora que você tem que continuar ali fazendo o seu trabalho, que é continuar perguntando, né? Então, na hora eu tentei pensar rápido, assim “o que é que eu faço? As pessoas tão gritando, as pessoas tão tentando me intimidar. Eu não vou bater boca com ele, esse não é meu lugar. Eu vou continuar perguntando”. E foi isso que eu fiz. Mas quando ele saiu, eu já falei isso em outros lugares e tal, então não há muito problema, mas eu chorei. Porque é uma descarga de tensão, a gente é humano, né? A gente continua tendo nossos sentimentos, etc, mas depois chorei, comi uma batata frita, tomei uma Coca-Cola e escrevi uma matéria sobre isso. E é isso o importante. Esse episódio, ele

não vai passar em branco. Por quê? Porque eu sabia que o Bolsonaro e aquelas pessoas que tavam ali torcendo por ele, e filmando e me intimidando, iriam colocar esses vídeos editados nas redes sociais.

BÁRBARA: E QUANDO O VÍDEO VIRALIZA É SEMPRE A MESMA COISA. A JULIA CHAIB JÁ PRESENCIOU UM DOS ATAQUES À DANIELA LIMA, QUE NA ÉPOCA EDITAVA A COLUNA PAINEL, DA FOLHA DE S. PAULO, E CONTA COMO SÃO OS ATAQUES.

////SONORA JULIA CHAIB

Julia Chaib: Uma coisa que eu te asseguro é: quem sofre ataque vai ouvir todo tipo de comentário misógino e machista. Piranha, puta, quer dizer, são comentários que nada têm a ver com a sua qualidade profissional, entendeu? São comentários que dizem respeito simplesmente ao fato de você ser mulher. E isso dói. Entendeu? Isso dói e muito. E são feitas ameaças também à vida das pessoas. Então, assim, eu acho que o complicador de você ser mulher é você ter que sofrer esses ataques, que não têm nada a ver com o fato de você ser jornalista. Entendeu? Alguém te chamar de puta, de piranha, de vagabunda, isso quer dizer simplesmente com o fato de você ser mulher e nada mais.

///SOBE SOM

BÁRBARA: FOI O QUE ACONTECEU, POR EXEMPLO, COM A PATRÍCIA CAMPOS MELLO, REPÓRTER DA FOLHA. EM 2018, DURANTE AS

ELEIÇÕES, ELA PUBLICOU UMA REPORTAGEM MOSTRANDO QUE EMPRESÁRIOS BOLSONARISTAS PAGARAM POR DISPAROS EM MASSA DE MENSAGENS NO WHATSAPP CONTRA O PT. A PRÁTICA PODERIA SER CONSIDERADA DOAÇÃO DE CAMPANHA POR EMPRESAS, O QUE É ILEGAL.

EM FEVEREIRO DE 2020, DURANTE UM DEPOIMENTO NUMA COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO DO CONGRESSO NACIONAL, O MÚSICO HANS RIVER DO NASCIMENTO, UMA DAS FONTES DA REPORTAGEM, CONFIRMOU A EXISTÊNCIA DO ESQUEMA. MAS ELE ACUSOU A PATRÍCIA DE SE INSINUAR SEXUALMENTE PRA TER A INFORMAÇÃO.

////SOBE SOM - ÁUDIO DE HANS RIVER NA CPMI

Hans River: Olha, eu vou deixar mais claro, mas muito mais claro, porque eu acho que eu não fui muito direto nessa situação da jornalista: ela queria sair comigo, eu não dei interesse para ela. Ela parou na porta da minha casa e se insinuou para entrar na minha casa, com o propósito de pegar a matéria, tá certo? Ela se insinuou para entrar. Ainda falei que não podia entrar na minha casa. Ela queria ver o meu computador, que inclusive eu trouxe para cá – não está aqui, eu trouxe para o flat em que a gente tá. Quando eu cheguei à Folha de S.Paulo, quando ela escutou a negativa, o distrato que eu dei e deixei claro que não fazia parte do meu interesse a pessoa querer um determinado tipo

**////SOBE SOM - ÁUDIO DO
BOLSONARO ATACANDO PATRÍCIA
CAMPOS MELLO**

**////SOBE SOM - ÁUDIO DO CANAL
HIPÓCRITAS**

de matéria a troca de sexo, que não era a minha intenção... A minha intenção era ser ouvido a respeito do meu livro.

BÁRBARA: UM DOS FILHOS DO PRESIDENTE, O DEPUTADO FEDERAL EDUARDO BOLSONARO, USOU O DEPOIMENTO PRA ATACAR A PATRÍCIA CAMPOS MELLO NO TWITTER. ISSO FEZ COM QUE A FOLHA MOSTRASSE TODAS AS MENSAGENS DA REPÓRTER COM HANS, O QUE DESMENTIU O DEPOIMENTO DELE NA CPMI. E MAIS: A TROCA DE MENSAGENS MOSTRA QUE NA VERDADE A PATRÍCIA QUE FOI ASSEDIADA. O MÚSICO TENTOU MARCAR UM ENCONTRO, MAS ELA NEGOU. SÓ QUE AÍ, DIAS DEPOIS, O PRESIDENTE BOLSONARO VOLTOU A OFENDER A JORNALISTA.

***Bolsonaro:** E o depoimento do River, River, né?*

***Apoiador:** É, Hans River.*

***Bolsonaro:** Hans River, né? Foi final de 2018, para o Ministério Público, ele diz do assédio da jornalista em cima dele. Ela queria um furo. Ela queria dar o furo.*

BÁRBARA: DEPOIS DESSA DECLARAÇÃO NO CERCADINHO, A PATRÍCIA CAMPOS MELLO FOI ALVO DE UMA SÉRIE DE ATAQUES. ELA RECEBEU VÁRIAS MENSAGENS, VÍDEOS E MEMES NAS REDES SOCIAIS SENDO COMPARADA A UMA PROSTITUTA.

**////EM BG - EFEITO DE MÁQUINA DE
ESCREVER ENQUANTO ACONTECE
A LEITURA DO TRECHO**

BÁRBARA: NO LIVRO “A MÁQUINA DO ÓDIO”, EM QUE NARRA A SITUAÇÃO DA IMPRENSA A PARTIR DA CHEGADA DE LÍDERES DE EXTREMA-DIREITA AO PODER, A PATRÍCIA COMENTA ESSE EPISÓDIO E CONCLUI:

GABRIEL: AO AMPLIFICAR A OFENSA, O PRESIDENTE DAVA SINAL VERDE PARA MILHARES DE PESSOAS ME OFENDEREM, LEGITIMAVA ATAQUES SEXISTAS CONTRA MULHERES.

BÁRBARA: ENTRE MARÇO E JUNHO DE 2021, O INSTITUTO TECNOLOGIA E SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO E OS REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS MAPEARAM HASHTAGS OFENSIVAS À IMPRENSA NO TWITTER. FORAM ENCONTRADOS IMPRESSIONANTES MEIO MILHÃO DE TWEETS ATACANDO A IMPRENSA, MAS PRINCIPALMENTE AS PROFISSIONAIS MULHERES. TERMOS COMO “SAFADA”, “VAGABUNDA”, “PUTA” E “VACA” FORAM MOBILIZADOS POR APOIADORES DO PRESIDENTE EM CAMPANHAS DE LINCHAMENTO VIRTUAL. AH, OUTRA COISA: O NÚMERO DE TWEETS MENCIONANDO MULHERES JORNALISTAS, COMO JULIANA DAL PIVA, VERA MAGALHÃES E DANIELA LIMA, FOI 13 VEZES MAIOR QUE OS DIRECIONADOS AOS HOMENS.

ESSE É UM RETRATO DO QUE TEM ACONTECIDO NOS ÚLTIMOS ANOS. COM A EXTREMA-DIREITA NO

//////SONORA MARINA DIAS

PODER, PESSOAS QUE ANTES SE ESCONDIAM, AGORA SE SENTEM ENCORAJADAS PRA AGIR E TENTAR COLOCAR AS MULHERES NUM LUGAR DE SUBMISSÃO.

Marina Dias: Quando você tem no poder um grupo que acha que ser mulher é uma classe inferior, isso cria uma barreira a mais pra você ter acesso às coisas, acesso à informação, acesso à fonte, já que são pessoas que acham que você é um grupo desprezível. Mas isso também dá mais ânimo e mais fôlego pra você ir buscar mais, pra você mostrar: “Não, não, não. Eu não sou um grupo menor. Eu sou um grupo como qualquer outro grupo, né? Nós somos todas pessoas iguais e temos que ter todas direito e acesso à mesma informação e nós vamos fazer o nosso trabalho”.

BÁRBARA: A TENTATIVA DE DIFICULTAR O TRABALHO DAS MULHERES JORNALISTAS E TENTAR SILENCIÁ-LAS NÃO FICA RESTRITA AOS ANÔNIMOS. EM JUNHO DE 2020, APOIADORES DO PRESIDENTE ESTAVAM PROMOVENDO MANIFESTAÇÕES PEDINDO O FECHAMENTO DO CONGRESSO E DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. ALGUNS CHEGARAM A LANÇAR FOGOS DE ARTIFÍCIO EM DIREÇÃO AO PRÉDIO DO STF, E FOI O ESTOPIM PRA QUE O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, IBANEIS ROCHA, DECIDISSE FECHAR A ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS. SÓ QUE ISSO ACONTECEU DEPOIS DE MUITAS MANIFESTAÇÕES

//////SONORA JULIA CHAIB

ANTIDEMOCRÁTICAS. NUMA ENTREVISTA COM O GOVERNADOR, A JULIA CHAIB QUESTIONOU O PORQUÊ DESSA DEMORA. ELE TENTOU ENCERRAR A ENTREVISTA, DISSE QUE ELA TAVA TENTANDO CONDUZIR A RESPOSTA DELE, MAS SEGUIU MESMO ASSIM. NUM OUTRO MOMENTO, ELE SE IRRITOU COM UMA OUTRA PERGUNTA E...

Julia Chaib: Ele pegou meu celular e saiu andando. E eu tentei pegar o celular da mão dele. Eu falava: "Governador, me devolve", ele falando: "Eu vou apagar, apaga essa entrevista", "Governador, o senhor não tem o direito de fazer isso. Me devolve meu celular". E foi assim, eu, literalmente, fiquei puxando o celular da mão dele e ele me empurrou pra não pegar o celular. E depois disso, uma assessora dele, aí eu peguei meu celular e a assessora... aí primeiro a assessora falou assim: "Apaga o celular na minha mão", "Eu vou apagar se você me devolver meu celular". Eu falei isso pra conseguir pegar o celular de volta. Eu falei: "me devolve o celular que eu apago aqui". Ela me devolveu, eu mandei a entrevista pra minha chefe, porque eu pensei "se ela ficar aqui em cima de mim do jeito que ela tá e me fizer apagar, eu mandei essa entrevista pra alguém". E ela ficou em cima de mim, ali um tempo, uns 30 segundos, falando "apaga, apaga" e eu falando "não vou apagar, não vou apagar, não vou apagar", e aí ela esqueceu. Aí me levaram pra uma sala e eu entrei quase tremendo na sala. Não, eu me senti violentada. Foi

literalmente isso que aconteceu, eu não conseguia acreditar no que tinha acontecido. Eu achei uma violência surreal, entendeu? O cara pegou meu objeto de trabalho, tentou me forçar a apagar uma entrevista, como se eu tivesse cometido um crime.

BÁRBARA: E O GOVERNADOR CHEGOU A PEDIR DESCULPAS PELO EPISÓDIO E TENTOU SE JUSTIFICAR. MAS QUAL A JUSTIFICATIVA PRA TENTAR INTERROMPER O TRABALHO DE UMA JORNALISTA?

//////SONORA JULIA CHAIB

Julia Chaib: Mas eu acho que pra a pessoa fazer aquilo, a pessoa tem que se sentir segura do que ela tá fazendo. Ela tem que achar que ela pode fazer isso, que ela é maior que você, que ela tem uma autoridade a ponto de poder fazer isso, entendeu? E o fato dele ser homem, eu tenho certeza que foi uma das características que fez ele se sentir assim. Será que ele pegaria o telefone assim de um homem? De um cara? Sairia andando, mandando o cara apagar? Será que ele faria isso? Então, assim, ok, você tá descontrolado, você tá com muitos problemas pessoais, mas você fazer isso é porque você tem que se sentir seguro pra fazer, entendeu? Algo na sua cabeça faz você achar que você tem este poder e esta autoridade pra tomar uma atitude como essa.

//////SOBE SOM

BÁRBARA: MAS POR QUE TANTO ÓDIO EM RELAÇÃO ÀS MULHERES

////SONORA RAYZA SARMENTO

JORNALISTAS? QUEM TRAZ ESSA RESPOSTA PRIMEIRO É A PROFESSORA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, RAYZA SARMENTO.

Rayza Sarmento: Com o caso do Bolsonaro, especificamente, me parece que é um traço de personalidade pessoal, acentuada por uma construção sócio-histórica de uma misoginia que é identificável sem a gente precisar pesquisar sobre, né? Como é que os termos que o Bolsonaro aciona pra criticar mulheres e pra criticar homens que ele entende como não heterossexuais são sempre muito fortes, né? Ele tem o discurso da misoginia e o discurso contra sexualidades dissidentes é sempre muito pronto, né? No sentido de acionar termos, de acionar esses chavões culturais. Então, eu acho que tem essas duas coisas. Me parece que tem uma misoginia muito grande e tem essa construção dele, que é também, de novo, a partir de um arcabouço histórico também, né? De não ser, como é que um homem, do Exército, que se entende como heterossexual, que coloca isso como uma identidade, vai ser confrontado por uma mulher? Por uma mulher jovem? E aí quando ela não é jovem, ela é velha, quando ela não é feia, é bonita demais, ele vai dando escaladas de sentido, vai dando, usa adjetivos, usa uma série de expressões pra falar das mulheres, pra xingar as mulheres enquanto ele tá falando dos trabalhos delas.

////SONORA MIRIAM LEITÃO

BÁRBARA: AGORA, MIRIAM LEITÃO.

Miriam Leitão: Nós temos que entender que isso, quando ele faz isso, quando a extrema-direita faz isso, ela tem um propósito político. E o propósito político não é atacar uma pessoa. O propósito político é muito maior. É minar a confiança na imprensa, no caso, mas eles têm trabalhado para minar a confiança nas instituições democráticas. Então, o que acontece com uma pessoa pode não ser relevante. O que acontece comigo pode não ser relevante. O que acontece com a democracia, sim, aí é relevante. Então nós temos que deixar de ser ingênuos porque eles tão com tudo preparado pra usar todas as redes e esmagar emocionalmente os seus adversários ou demolir a confiança nas instituições democráticas. Então isso é um assunto muito complexo, a gente tá vendo o quanto que se revela agora sobre o Facebook, as redes sociais, o Facebook sabe que aumenta o engajamento quanto mais ódio tiver. Esse ódio todo, ele acaba podendo levar pessoas à desestruturação física e emocional, leva também a votos, direciona votos, manipula o direito de voto. Tem tanta coisa envolvida nisso, que eu acho que a sociedade tem que perder a ingenuidade, ter mais informação e saber como proteger. Não uma pessoa, eu sou uma pessoa. Mas inúmeras pessoas são atacadas da mesma forma.

//////SONORA NAIRA HOFMEISTER

BÁRBARA: NUMA TENTATIVA DE PROTEGER AS PROFISSIONAIS, SEMPRE QUE OS ATAQUES ACONTECEM, REDES DE SOLIDARIEDADE SE FORMAM. VÁRIAS JORNALISTAS DENUNCIAM OS ATAQUES EM SUAS REDES SOCIAIS, COBRAM AÇÕES DAS AUTORIDADES E SÃO APOIADAS POR SEUS COLEGAS HOMENS. UMA DAS QUE SE MOBILIZAM É A JORNALISTA FREELANCER NAIRA HOFMEISTER, QUE DESTACA A IMPORTÂNCIA DAS MANIFESTAÇÕES DE APOIO.

Naira Hofmeister: Eu tenho a sensação que pra qualquer pessoa que sofra um ataque desses direcionado, essas manifestações são centrais, porque logicamente os caras fazem esse tipo de ataque não por nada, porque eles querem encher o saco. Porque eles sabem que, enfim, preocupa um jornalista ou qualquer outra figura pública. Eu considero que a nossa profissão nos torna figuras públicas, né? Lógico que a pessoa minimamente vai “opa, será que eu fiz alguma coisa errada, deixa eu repensar e tals”. A ideia da crítica, originalmente, é essa, né? Pra que a pessoa possa refletir e melhorar suas condutas, mas nesse caso são críticas disfarçadas de críticas, mas na verdade com uma tentativa de silenciamento, né? Então, eu tenho certeza que a manifestação de apoio é importante, porque é o contrário. É a gente abraçar e dizer “não”, sabe? Isso aqui não. Isso aqui é uma tentativa de te calar, não é uma tentativa de te

////SONORA MIRIAM LEITÃO

criticar, de te fazer melhorar. É uma tentativa de mandar tu calar a boca, né? E não vamo calar a boca, né? Tamo aqui pra te dizer segue falando, segue mandando ver aí, porque é importante.

BÁRBARA: A ABRAJI TAMBÉM VEM REALIZANDO UM MONITORAMENTO DE ATAQUES DE GÊNERO CONTRA JORNALISTAS E LANÇOU UM CANAL PARA DENÚNCIAS DE AGRESSÕES FÍSICAS E VERBAIS, AMEAÇAS, INTIMIDAÇÕES, INSULTOS E ASSÉDIO. MAS ALÉM DISSO, O QUE MAIS PRECISA SER FEITO PRA FORTALECER O JORNALISMO E SUPERAR ESSE MOMENTO TRISTE DA NOSSA HISTÓRIA?

Miriam Leitão: Com mais jornalismo. Que que é mais jornalismo? Vamos conversar mais, vamos fazer mais reportagem, vamos sair de dentro da redação, vamos parar de acreditar só no digital. Então, se tem uma pessoa navegando no digital tem que ter outra pessoa andando no chão. Indo pra Amazônia, indo pra dentro da terra indígena e conversando com todo mundo. Senta lá com todo mundo e conversa. Eu aprendi muito em todas as reportagens que eu fiz. E eu acho que o jornalismo tem poucas reportagens hoje. Então a gente tem que sair.

////SONORA NAIRA HOFMEISTER

BÁRBARA: JÁ PRA NAIRA, A PALAVRA-CHAVE TEM QUE SER TRANSPARÊNCIA.

Naira Hofmeister: Eu acho que é fundamental, fortalecer a

transparência no jornalismo. Ou seja, o jornalista, quando ele fizer uma reportagem, nós indivíduos, tu tem que falar com tuas fontes de maneira transparente. Todas. Dizer pra elas exatamente o que que tu tá investigando ou apurando, em alguma medida quem que tu tá entrevistando. Quando tu fizer tua matéria, tu tem que linkar documentos que tu consultou, dizer que tuas bases de dados tu obteve via Lei de Acesso à Informação, ou que tá disponível no portal de dados abertos não sei da onde. Mostrar, às vezes, se é uma matéria, por exemplo, que usa análise de dados, explicar pro leitor como que tu fez essa análise. Quando necessário, dizer por que que tu achou importante fazer aquela matéria, sabe? Isso aqui é importante, né, explicar os motivos que tu tem pra trazer aquela matéria à tona. Os jornais precisam ser transparentes na sua pauta, por que a gente escolhe essas pautas, né? Da onde vem o dinheiro que nos financia. Enfim, eu acho que quanto mais transparência o jornalismo tiver, mais a sociedade vai conseguir entender o que a gente faz, né?

BÁRBARA: E POR QUE NÃO FAZER UM TRABALHO DE FORMIGUINHA E...

Marina Dias: Ocupar todos os espaços com informação. Então, a informação ela tem que chegar pra uma... a informação de verdade, o fato, a informação verdadeira, o jornalismo profissional precisa

//////SONORA MARINA DIAS

////SOBE SOM
////CAI PRA BG

chegar pro máximo de pessoas possível no tempo mais curto possível. Então, nós jornalistas precisamos ocupar todos os espaços, todas as redes sociais, coloca informação no Instagram, no Twitter, no Facebook, no lugar que você trabalha, nos grupos de WhatsApp, não seja a tia do zap, seja a pessoa que vai explicar porque a tia do zap está mentindo. Então, nós jornalistas precisamos fazer o trabalho de jornalista tanto de formiguinha, nos grupos de WhatsApp, nas redes sociais, como amplificando a informação, publicando a informação onde você trabalha. É isso que a gente precisa fazer. Jornalistas, ocupem todos os espaços com notícia, com informação de qualidade, com transparência, e não parem de trabalhar. Não cansem, não se intimidem, eles não vão calar a gente. A gente tá junto, a gente é uma classe importante, a gente é um pilar dessa democracia, e a gente não pode recuar. É passo pra frente, não é passo pro lado, não é passo pra trás, sempre.

BÁRBARA: E CHEGAMOS AO FIM DO NOSSO PODCAST. EU ESPERO QUE VOCÊ TENHA ENTENDIDO A IMPORTÂNCIA DA IMPRENSA E POR QUE A GENTE PRECISA DELA. DEFENDER O JORNALISMO É DEFENDER A DEMOCRACIA.

“ELES NÃO VÃO NOS CALAR” É UM PODCAST DESENVOLVIDO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO

	<p>SOCIAL-JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA E FOI GRAVADO NO ESTÚDIO DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA, EM VIÇOSA.</p> <p>EU SOU BÁRBARA PINHEIRO E APRESENTO ESTE EPISÓDIO. PESQUISA, PRODUÇÃO, ROTEIRO E EDIÇÃO SÃO OBRA DO GABRIEL MÁXIMO. A TRILHA SONORA ORIGINAL FOI COMPOSTA PELO CAIO FERREIRA. A ORIENTAÇÃO É DO PROFESSOR RENNAN MAFRA.</p> <p>ESTE EPISÓDIO USOU ÁUDIOS DE CNN BRASIL, NOTAS TAQUIGRÁFICAS DO SENADO, CANAL HIPÓCRITAS E PODER360.</p> <p>PRA ESTE EPISÓDIO, AGRADECEMOS A AJUDA DE FLÁVIA MANTOVANI, MIRIAM LEITÃO, MARINA DIAS, JULIA CHAIB E NAIRA HOFMEISTER. OBRIGADA E ATÉ QUALQUER HORA!</p>
--	--

//////SOBE SOM